

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Bolsista Responsável: Fernanda dos Passos

Bolsistas Colaboradores: Jéssyca dos

Santos Lima, Lucas Rodrigues Alves Antunes,

Monique N. Do Nascimento, Paullina Luise Bochi.

Professor Orientador: Aires José Rover

Objetivo: O seguinte resumo foi feito com o intuito de compor o trabalho - cujo tema é e-Democracia - que vêm sendo desenvolvido fruto da bolsa do Programa de Iniciação Científica (PIBIC).

Resumo do Livro

“As Paixões do Ego”

de Humberto Mariotti

Sumário

Prefácio	4
Introdução	6
De Ptolomeu a Copérnico	6
O linear, o sistêmico e o complexo	6
A Difícil Passagem à Prática	6
Padrões e Competências	7
A Trava do Condicionamento	7
1. Os pensamentos linear e sistêmico	7
As origens do condicionamento	7
História e Arqueologia	9
Vencer e Derrotar	9
O duplo vínculo	10
Questionadores ingênuos	10
O possível e o impossível	11

As muitas lógicas	12
Razão e sofrimento	13
A ótica míope do recorte	13
O mundo dividido e o raciocínio sumário	15
“Jurisprudências firmadas”	15
O jogo e seus resultados	16
A confiança relativa	17
Lições da História	17
A rigidez do preconceito	18
O pensamento sistêmico	19
Autopoiese	20
Determinismo e acoplamento estruturais	20
Representacionismo e construtivismo	22
As comunalidades	23
2. A Dança dos Conceitos	24
O linear, o sistêmico e o complexo: uma retomada	24
O que é Complexidade?	25
Os Operadores Cognitivos	25
O pensamento sistêmico	25
A ideia de Circularidade	26
A circularidade produtiva	27
Operador Hologramático	27
O operador dialógico	27
A transacionalidade sujeito-objeto	27
Modernidade e Pós-Modernidade	28
As metanarrativas	29
O Realismo ingênuo	29
Razão, Racionalidade e Racionalização	29
A Tirania dos Adjetivos	30
Mistérios, Problemas, Diversidade	30
3. A dança dos conceitos (II)	31
A mente mecânica: fatos, números e pessoas	31
O núcleo duro	31
Teorias, sonho e realidade	31
Conhecimento, sabedoria e conhecimento sábio	32

Apolo e Dionísio	32
O complexo cérebro-mente	32
As veredas da alteridade	33
Ciência, magia, misticismo e o ranço autoritário	33
O Lugar da Não Ciência	34
Diferença e repetição	34
4. Ética, Política e Complexidade	35
O valor natureza humana	35
O valor verdade	40
O valor certeza	42
O valor confiança	43
O valor coisa e o valor processo	45
5. Ética, Política e Complexidade (II)	46
O valor inclusão	46
O valor liberdade	47
A apropriação da Democracia	49
Educação para a mediocridade	54
6. A dinâmica da reintegração	55
Os dois universos	55
Viver, aprender, mudar	56
A busca da “verdade”	57
Olhar e participar	58
Mudança de sistema de pensamento	59
Pais e filhos	59
Percepção: as realidades do mundo	60
O universo da atenção	61
Percepção e linguagem	61
O componente alucinatório e as distorções cognitivas	62
Os sistemas de transformação	64
À procura dos fenômenos	64
A arte de esperar	65
7. A dinâmica da reintegração (II)	66
A auto-observação	66
Atenção passiva: a fenomenologia da inocência	67
O lugar da razão	68

O começo da auto-observação	69
A auto-observação e o ego	69
A consciência encarnada	70
Apegos, dependências e repetição	70
O equívoco da “auto-ajuda”	70
8. A dinâmica da reintegração (III)	71
Tolerância e compaixão	71
A tolerância e a democracia manipulada	72
“Competitividade” e transformação	73
O lugar do inferno	74
Respeitar a diversidade: uma tarefa difícil	74
Rumo a uma nova cultura	75
Competência, Economia Social e Sustentabilidade	75
Sociedades de parceria	76
9. A estratégia do abraço	76
Saber ver	77
Saber esperar	78
A biologia da espera	79
Saber conversar	80
Saber amar	82
A biologia do amor	83
Saber abraçar	84
As encruzilhadas do eu	85
Referências Bibliográficas	86

Prefácio

A presente obra é uma reflexão sobre as relações humanas e a natureza do homem. O autor tem mostrado, em suas obras ao longo dos anos, certa intimidade com grandes filósofos, tanto antigos quanto modernos, e ao reconhecer a essencialidade do outro, acaba por fundamentar o apelo humanístico desta obra, explicitado ao longo da mesma. Suas frases falam da dignidade do ser humano, sendo necessário, para que o autor chegasse nesse ponto, um intenso exame de diversas teorias que, ao longo da breve história da humanidade, têm apoiado e proposto comportamentos e atitudes. Seu discurso mostra-se didático e claro sem ser ordinário, erudito sem ser fastidioso, rigoroso e profundo sem ser enfadonho. O seguinte

livro busca mostrar o equívoco da dicotomia entre o homem e sua mente, das diversas teorias que separam esses dois entes mutuamente essenciais. (p. 21-22)

Em seu primeiro capítulo, busca fazer breve exposição do que propõe em sua obra e reconhece as influências que recebeu, como as de Edgar Morin, Jiddu Krishnamurti e Humberto Maturana, bem como, ao longo da obra, mostra a contribuição de seus mestres, Rollo May e Gregory Bateson. (p. 22, 2)

O pano de fundo em que a exposição é montada é o do pensamento complexo. Afirmando que o pensamento linear é exclusivamente pautado pela ordem, logo inapto a entender a desordem pura, o autor encaminha o leitor para a compreensão das grandes correntes do novo modelo mental. Possui uma proposta transdisciplinar, atacando a arrogância do saber terminado e das certezas combinadas, propondo a humildade da busca ininterrupta. O comportamento humano é resultado de dois grandes impulsos: a transcendência do momento e a sobrevivência da espécie e do indivíduo. Ao encontrar-se com o outro, também em busca de transcendência e sobrevivência, desenvolve-se a comunicação. (p. 22-23)

Como resposta ao impulso de sobrevivência, o homem determina suas relações com o outro e com a natureza, criando indagações. Busca as respostas no futuro e no passado, criando mitos e artes, ciências e religiões. Simbioticamente, sobrevivência e transcendência diferenciam o homem das outras espécies e determinam seu comportamento. O comportamento de cada um é aceito pelos demais quando subordinado a padrões, que chamamos de valores. Ao vasculhar pela história vemos que novos meios de transcendência e sobrevivência causam a mudança desses valores. Contudo, como explicita Mariotti, alguns desses precisam permanecer, como a solidariedade, o respeito pelo outro e a cooperação, constituintes de uma ética maior, cuja ausência faria a qualidade do ser humano diluir-se. Por que então caminhamos na direção contrária a essa ética, indispensável à sobrevivência da espécie? Eis a questão que motiva os grandes sistemas filosóficos, religiosos, de conhecimento e política, é o foco do presente livro. (p. 23, 2-3)

A democracia seria a realização de tal ética, mas Mariotti nos leva a compreender que uma estrutura de poder deformadora tem se apoderado desse processo democrático, apontando treze tipos de convivências negadoras dessa, presentes em nosso dia-a-dia. Também propõe uma estrutura de poder capaz de recuperar para a prática cotidiana os valores democráticos. Mas qual seria a ideal? O autor demonstra dois grandes cenários culturais, o da cultura matrística e o da cultura do patriarcado, mostrando a intimidade da primeira com o pensamento complexo e a relação da segunda com o pensamento linear. (p. 23, 4-5)

O estudo aprofundado da referida intimidade provê as ferramentas necessárias para a

proposta que é a razão de ser deste livro: explicar o pensamento complexo. Tal explicação vem de forma indireta, diferenciando os cinco saberes do referido modelo mental: saber esperar, saber ver, saber amar, saber conversar e saber abraçar. Por fim, a mensagem comum a todos os capítulos da obra pode ser sintetizada em uma única frase: "o marco inaugural do longo processo de busca de espiritualidade". (p. 23-24)

Introdução

Por trás do termo “competitividade” esconde-se estratégias de seres humanos para quem vencer implica em derrotar alguém.

Faz-se necessário o exame de 3 aspectos do desenvolvimento humano, as vantagens competitivas, ética, política e solidariedade.

Entendendo-se esses conceitos seremos capazes de agir de modo competente e não destrutivo.

De Ptolomeu a Copérnico

Para que ocorra esse desenvolvimento é necessário que se mude o modelo de pensamento predominante na cultura, o linear (simplificador, excludente e fragmentador).

O linear, o sistêmico e o complexo

Pelo pensamento linear a terra é plana, de acordo com o sistêmico ela é redonda e seguindo o pensamento complexo ela é plana e redonda.

Uma intervenção feita em um sistema exige um período de tempo para que se observe de que maneira o sistema responderá a médio e longo prazo, esse período é chamado de tempo de espera sistêmico.

Nem sempre esse tempo de espera torna-se viável, então muitas vezes, a solução é utilizar-se de uma solução que leve o menor prazo possível, agredindo o sistema e explorando seus recursos. Essa solução utilizada é de acordo com o pensamento linear (pelo qual se entende a economia de mercado), já a economia social pode ser entendida com base no pensamento complexo.

A Difícil Passagem à Prática

No plano teórico, entender essas considerações é relativamente fácil, mas na prática as coisas não são assim porque tendemos a cair no pensamento linear. Uma de suas regras básicas é a da Parcimônia, que atende os requisitos da linearidade como a tendência à simplificação, imediatismo e busca da causalidade simples.

Padrões e Competências

O pensamento linear surgiu como uma resposta do Renascimento à Idade Média. Foi no Renascimento que se firmou o uso da razão aristotélica e da argumentação lógica como orientação para o nosso raciocínio.

Já o pensamento complexo busca reintegrar o que as disciplinas fragmentou e dividiu em especialidades separadas. Esse pensamento busca religar domínios separados e aglutinar noções dispersas.

O raciocínio sistêmico é um dos principais instrumentos de entendimento e prática do pensamento complexo.

A Trava do Condicionamento

“O pensamento complexo pressupõe uma abertura para a aleatoriedade, a surpresa, as transformações. Eis por que ele requer que abandonemos a ideia fixa de ter sempre que provar algo, a ideia de coerência constante...” (p. 37).

Podemos dizer então, que a nossa mente só vê o que está condicionada para ver.

1. Os pensamentos linear e sistêmico

As origens do condicionamento

Começaremos buscando resposta para a seguinte pergunta: como se iniciou a unidimensionalização de nossa mente pelo raciocínio linear? Para encontrá-la, primeiramente é necessário falar acerca das culturas matrística e patriarcal e de suas relações com a instituição do pensamento linear como expressão cultural dominante. (p. 39, 1)

Segundo Maturana, a cultura patriarcal europeia é a vivida hoje em quase todo o planeta, e a anterior tem sido chamada de cultura matrística. Com relação a tais culturas e seus

modos de vida, vemos a patriarcal como sendo valorizadora da hierarquia e a autoridade, e a matrística como acolhedora, sistêmica e libertadora. Não devemos, no entanto, igualar a primeira a machismo e a segundo a feminismo. A expressão "matrística" foi introduzida por uma arqueóloga lituana, Marija Gimbutas, com o intuito de designar culturas onde homens e mulheres viviam em cooperação e livres de distinções hierárquicas. Algumas das características definidoras das culturas patriarcal pastora e matrística europeia estão a seguir elencadas, inspiradas no trabalho de Maturana:

Cultura do Patriarcado	Cultura Matrística
-Apropriação	-Participação
-Sexualidade feminina condicionada à procriação e controlada pelo patriarca.	-Sexualidade feminina e masculina vistas como manifestações de sensualidade e ternura.
- As relações interpessoais são baseadas no modelo autoritarismo-obediência-vigilância-controle.	-As relações interpessoais são baseadas no modelo amizade-cooperação-companheirismo-consenso.
-Desejo de domínio: guerra e competição predatória encaradas como virtudes e modos naturais de convivência.	-Desejo de interessoalidade: questionamento da guerra como instrumento de solução de conflitos.
-O pensamento predominante é o linear, não aceitando reflexões sobre os paradoxos e diferenças e valorizando a sequência e a repetição.	-O pensamento predominante é o sistêmico, aceitando reflexões sobre os paradoxos e diferenças e valorizando a circularidade e a diversidade.
-Não há oposição natural entre homens e mulheres, mas estas são subordinadas aos homens em função da apropriação da procriação.	-Não há oposição entre homens e mulheres nem subordinação de parte a parte.

Em suma, a cultura do patriarcado valoriza um modo de vida pautado no domínio, enquanto a matrística opta pelo modelo orientado para a interessoalidade. (p. 39-42)

Vale ressaltar que o conceito de "sistêmico" para Maturana não é o mesmo do pensamento sistêmico da presente obra. Para o autor, o referido pensamento refere-se à dimensão simbólica/mitológica/mágica da mente humana, cuja contrapartida é o pensamento racional/empírico/lógico, chamado aqui de linear. A complexidade de ambos compõe o pensamento complexo. Logo, para o autor o modelo mental dominante na cultura matrística não era o sistêmico, mas sim o complexo. Entretanto, uma simples releitura do quadro acima descrito mostra que Maturana, na realidade, ao dizer "sistêmico" elenca exatamente o que Mariotti chama de "complexo". Enfim, deve-se ter noção que na cultura matrística não existia ainda a divisão do pensamento humano e sua polarização, com a seguinte dominância do pensamento linear. (p. 42, 1)

Na cultura do patriarcado, pobreza é o sinal máximo de fraqueza, sendo extremamente proibido não ter dinheiro ou dar essa impressão. Na concepção de tal cultura, a pobreza é considerada falta de agressividade e "competitividade", portanto é um efeito ligado a uma

causa, não é uma circunstância da vida. Fica difícil, então, falar em justiça social, pois em tal modelo de convivência a pobreza é considerada uma pena a ser cumprida, é vista como uma justiça aos que não souberam competir e vencer. (p. 42, 2)

Para o patriarcado, os problemas surgidos pela força e pelo autoritarismo (não só das ditaduras, mas também do próprio mercado) são solucionados pelo uso de mais autoritarismo e força, pois em tal cultura, não há problemas sem solução. Toda contestação a esses elementos são sempre considerados culpa de fatores fora do sistema e/ou desafios à autoridade. Logo, as pessoas necessitam de constante vigilância, gerando uma desconfiança que frequentemente atinge níveis de paranoia e uma redução de tudo a binômios, como a favor/contra, situação/oposição, amigo/inimigo. (p. 43, 1)

História e Arqueologia

Boa parte dos conhecimentos atuais sobre as culturas matrística e patriarcal é fruto de estudos arqueológicos em áreas dos Bálcãs, Danúbio e Mar Egeu. A cultura matrística surgiu antes da patriarcal, como exemplo os povos paleolíticos que viviam na Europa há mais de 20.000 anos, alguns desses sendo coletores e agricultores, e outros que migraram para a Ásia, posteriormente retornaram como povos pastores. Ao que indicam os achados arqueológicos, tal cultura pré-patriarcal foi destruída pelos povos pastores (hoje chamados de indo-europeus) provindos do Oriente, retornando para onde antes tinham emigrado e invadindo a Europa por volta de 7.000 anos atrás (5.000 a.C.), transformando-se a cultura do patriarcado em patriarcado europeu. (p. 44)

Sobre essa cultura, para Maturana a grande mudança ocorreu quando o homem passou de apenas acompanhar os rebanhos que os serviam de alimento para então apropriarem-se do mesmo para uso exclusivo, passando de uma relação complexa com os rebanhos, para uma linear. A divisão binária acarretou uma situação em que o pensamento linear tornou-se suficiente para descrever, compreender e justificar os acontecimentos e práticas do cotidiano, não havendo mais a necessidade de uma visão de mundo complexa. Aqui surge a principal consequência do modo de vida patriarcal: marcou o começo do duradouro processo de moldagem da mente humana pelo modelo linear. (p. 44-45)

Vencer e Derrotar

Para o autor, a partir do momento em que começou a situação de não mais apenas

vencer (matar o rebanho, utilizando-o mais que os lobos o faziam), mas vencer derrotando o competidor (utilizar o rebanho e não permitir que os lobos o fizessem também), iniciou-se a consolidação de um dos traços mais marcantes dessa cultura: a competição predatória, não apenas vencendo, mas fazendo-o com a satisfação de derrotar o adversário. Esse é o defeito primário dessa cultura, e também é o motor de todos os demais, afetando a todos nós essa unilateralização pelo modelo linear, onde o mais agradável é derrotar alguém. É o chamado jogo de soma zero, em que para um vencer, o outro deve, conseqüentemente, perder. (p. 45-46)

Tal pensamento de “competitividade“, vendo o adversário como inimigo a exterminar, descarta a possibilidade deste ser superado pela competência, mas preservado para, posteriormente, aprender a vencer. A cultura patriarcal, com seu ideal de „competitividade“, visa apenas vencer ao eliminar o outro, para que o vitorioso sempre seja o primeiro, nunca o segundo. Entretanto, tal conceito é uma contradição, pois não há como existir primeiro e segundo – não podemos existir sem os outros nem podemos ser os primeiros sem também sermos os últimos. (p. 46)

O duplo vínculo

Como as práticas e os valores da cultura do patriarcado são pautados sob o raciocínio linear, podem então ser defendidos pela “argumentação lógica“, sendo também expressos através de discursos deterministas, totalizantes e aparentemente aplicáveis a todos. Para Maturana, na cultura matrística pré-patriarcal as crianças eram educadas para serem capazes de lidar com a complexidade da vida, e quando adultas, continuavam a agir e pensar da mesma maneira, pois sua cultura viviam em congruência com a aleatoriedade, a incerteza e a complexidade do mundo natural. (p. 47, 1-2)

Já a cultura do patriarcado, as crianças ainda são educadas com valores de solidariedade e respeito à legitimidade humana do outro, no entanto, quando crescem encontram o oposto e são obrigadas a praticar a exclusão, a apropriação, o autoritarismo e a “competitividade“. (p. 47, 3)

Questionadores ingênuos

Observando as críticas aos trabalhos de Maturana e sua teorização sobre o início do patriarcalismo com a apropriação dos rebanhos como marco inicial, defendendo que tais

provas não são convincentes, vemos como funciona a mente linear, para a qual as provas convincentes são aquelas que satisfazem padrões de causalidade simples e imediatismo, atendendo ao requisito de coerência num igual contexto de tempo e espaço, logo o passado há milhares de anos dificilmente pode ser tido como evidencia adequada. (p. 47-48)

Tal posição é esquemática. Os que a tomam pra si poderiam chamar a teoria de Maturana de ingênua, entretanto, ao fazerem isso, estão projetando sua própria ingenuidade, pois não compreendem que é uma proposta explicativa, tendo a imagem dos lobos como mera metáfora didática. A visão patriarcal, que usa do imediatismo, considera sete mil anos muito tempo, e utiliza desse raciocínio para descrever a natureza humana como má em essência, sendo fadada a sempre ser assim, pois sempre foi dessa maneira. Tal equívoco só pode ser comparado ao de que, na cultura matrística, não havia violência, guerras e assassinatos, e que o modelo linear e a cultura do patriarcado são e sempre serão maus, devendo ser substituídos pela forma boa, o pensamento sistêmico e o modo de vida matrístico. Contudo, o reducionismo de “sete mil anos“ para “sempre“ nos impede de considerar que, apesar de ser muito tempo, tal intervalo é mínimo em relação á evolução humana. Isso é um exemplo de como o raciocínio linear nos faz excluir tudo que não pode pertencer ao nosso individualismo. (p. 48-49)

Reforçada pelo projeto da modernidade, a cultura do patriarcado acabou por separar a mente do corpo. O corpo foi sendo usado apenas para produção de energia mecânica, atendendo as necessidades do produtivismo, enquanto que a mente também foi afastada de cena, sendo apropriada especialmente pelas ideologias, com o intuito de evitar que as pessoas pensem, chegando a conclusões próprias e protestando contra as más condições para com o corpo. (p. 50)

Um dos instrumentos principais do patriarcado é o culto ao Estado-nação e seu poder institucional, vindo com ele o bairrismo, o nacionalismo, o nacionalismo e o desrespeito À diversidade, claras mostras de fragmentação visando reforçar a “verdade” básica: existe apenas uma verdade que deve ser vista igualmente por todos, sendo indispensável para a disseminação do ideal de progresso do *Homo economicus*. Em suma, todos os requisitos foram atingidos em substituir a sociedade de parceria pela de competição. (p. 50)

O possível e o impossível

Tudo isso nos leva á unidimensionalidade de sempre. O cunho reducionista, excludente de assertivas e autoritário de alguns teóricos nos leva a concordar com os que

dizem que, no fim do século XX, a “competitividade”, a ganância e a convicção de que as vitórias só possuem valor quando o adversário é destruído acabam constituindo a emergência de um “misticismo compensatório”. (p. 51-52)

Atualmente, muitos pensam que sempre houve guerras e que a competição predatória sempre existiu, entretanto a cultura do patriarcado existe somente há cerca de sete mil anos, enquanto que a matrística existiu por milhares de anos mais. O que se propõe não é a substituição do patriarcado pela matrística, como seguindo a lógica linear de “ou um ou outro”, mas sim um reexame de um modelo de convivência que foi perdido para analisar o que é possível dele aproveitar para a sociedade atual. Entretanto, tal tarefa vem se mostrando extremamente difícil para a mente linear-cartesiana. O bom senso nos leva a crer que, se houve mudança do modelo matrístico para o patriarcal, é plausível uma nova evolução, a um modelo neomatrístico. (p. 52-53)

Há, contudo, outra maneira de examinar a questão, ao argumentar que, se estamos sob o regime patriarcal há seis ou sete mil anos, é concebível pensar numa evolução rumo a um modo de convivência similar ao matrístico. (p. 53, 1)

Vale ressaltar também que o modo neomatrístico vem sendo proposto em razão da sobrevivência, pois enquanto na passagem do modo matrístico para o patriarcal havia o medo da predatorialidade dos lobos, acabamos por ver que os verdadeiros predadores somos nós, e acabamos por tornar a vida na Terra muito problemática em consequência de nossa linearidade de atitudes e pensamentos. (p. 53, 2)

Por fim, é importante ressaltar que não se propõe a completa substituição do modo patriarcal pelo matrístico, mas sim uma complementaridade entre ambos, de convivência entre eles. (p. 53, 3)

As muitas lógicas

Acerca das lógicas, a intenção do autor não é propor uma polarização como método de raciocínio, pois a história nos mostra que ela se subdividiu em muitos tipos ao longo do tempo. Além da lógica dialética ou formal há muitas outras como a genética, as polivalentes, a algorítmica e as não consistentes, como a lógica nebulosa e assim por diante. (p. 54, 1)

“Lógica” vem do grego *logos*. Segundo Heráclito, é a ordenação das coisas do mundo, podendo ser escrito ou falado e resulta da interação entre os polos, a síntese do diálogo dos opostos. A noção de ordem seria intuitiva, existindo uma ordem na desordem. Tal noção reapareceria em Aristóteles, onde em sua lógica, as conclusões são verídicas desde que as

premissas sejam verdadeiras. Se as últimas forem verdadeiras, mas negarmos a conclusão, isto estaria em desacordo com o referido modelo de pensamento. (p. 54-55)

Para Aristóteles, “A” é igual a “A” e não pode ser igual a “B” nem a mais nada, e tudo o que não for “A” é excluído (lógica do terceiro descartado). Em tal lógica, só é possível duas alternativas: ou sim ou não. Tal linearidade dá margem para a exclusão dos diferentes e, conseqüentemente, o preconceito. (p. 55)

Razão e sofrimento

Sobre a razão instrumental, que tem por base o pensamento cartesiano, esta apenas revela parte do que necessitamos saber. Ao longo da história, vimos que a maioria dos movimentos de reforma tem acentuado uma das dimensões da situação do homem e descartado as restantes. Algumas dessas propostas de mudança eram radicais, entretanto frequentemente fracassaram, pois suas boas intenções eram distorcidas pela rigidez do modelo mental linear, resultando em milhões de pessoas pagando o preço. (p. 55-56)

Ao pensarmos acerca do sofrimento humano, observamos que a mentalidade de acumulação de capital pratica erros que não deveriam ser repetidos, entretanto sob o ponto de vista quantitativo, econômico-financeiro, podemos ver que a perda de muitos é o ganho de poucos, é a regra do jogo. Para a lógica do capital, o que conta é a acumulação material, independentemente do sofrimento humano envolvido ou resultante. Enquanto continuarmos unilateralizados pelo pensamento linear, veremos o mundo sob referenciais quantitativos e mecânicos, sendo conseqüentemente repassados para nosso cotidiano. Foi exatamente o que aconteceu com as duas grandes propostas de resposta aos problemas da humanidade – o marxismo e o capitalismo -, que em vez da segurança e previsibilidade que se propunham a instalar, apenas geraram insensibilidade e medo. (p. 56)

A ótica míope do recorte

Sob a ótica linear, qualquer hipótese pode formar base para percepções com o principal objetivo de buscar dados que a reforcem. Com frequência apenas vemos o que desejamos. Essas hipóteses seriam um modo de estarmos prontos para perceber, e o fazemos de modo que é mais fácil de perceber *isso* do que *aquilo*. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que temos vergonha de sermos intuitivos. Além disso, há a fragilidade do ego, que procuramos esconder através do pensamento linear, sendo uma das manifestações da

debilidade do ego a sua baixa resistência á frustração, conseqüentemente levando ao imediatismo. Continuamos sempre impacientes, desejando tudo na hora, preferencialmente sem esforço, e quanto mais imediatistas somos, mais dificuldade em obter resultados imediatos temos, tendendo sempre a atribuir a culpa dos resultados negativos a fatores externos. (p.56-57)

Estão a seguir elencadas algumas das características da lógica linear:

- *Necessidade de causa*: tudo deve ter uma causa passível de explicação.
- *Causalidade simples*: as causas sempre estão na mesma reta dos efeitos e são sempre imediatamente anteriores ou muito próximas a eles. Seguindo essa lógica, se algo vem imediatamente depois de outra, de modo repetido, a primeira é a causa e a segunda, o efeito.
- *Coerência*: nesse caso, coerência significa acomodação, conforto. A lógica linear está sempre em alerta contra o perigo da contradição. “Cair em contradição” é a grande ameaça em nossa sociedade.
- *Horror ao imaginário*: a expressão “Você não está sendo objetivo” é muito frequente em casos de pessoas procurando explicar efeitos que não sejam “concretos”, ou seja, que não sejam do âmbito das causas.
- *Monocordismo*: uma fórmula corriqueira de defesa, usada em casos em que as pessoas são confrontadas com algo que as ameaça “perder o fio da meada”, “sair do sério” ou “sair da linha” é “Não mude de assunto”.
- *Objetividade*: sempre há um sujeito (observador) que observa e julga um objeto (observado), transformando tal julgamento num discurso. A característica da objetividade deve dar ao observador o que ele chama de “imparcialidade” ou “isenção”. Em suma, a partir de uma estrutura de pensamento parcializada, fragmentada, o observador pretende ser imparcial e sintético.
- *Quantificação*: a tendência em interpretar todas as coisas em termos quantitativos varia na razão direta da retirada dos aspectos humanos de uma situação particular.
- *Reatividade*: a lógica linear é reativa, se mostrando pela tendência a tentar eliminar ou excluir tudo que é novo. Sempre está á procura da repetição e se distanciando da diferença, objetivando demonstrar que o novo não é tão inédito assim.

- *Sequencialidade, ordem direta*: “Você não está sendo claro” é uma reclamação comum, surgida em casos de pessoas se defrontando com algo alheio ao modelo linear – algo que para elas está fora do padrão começo-meio-fim, logo é perigoso.
- *Utilitarismo e imediatismo*: as expressões “Para que serve isso?” e “Não vejo como isso pode ser aplicado na prática” são exemplos da presença da lógica linear na humanidade há cerca de seis ou sete mil anos. Não é surpresa que a maioria das pessoas imagina que ela é a única possível, ou a única adequada aos assuntos “sérios” e á vida “prática”. (p. 58-59)

O mundo dividido e o raciocínio sumário

Segundo Bateson, em nossa cultura, a educação está estruturada de forma que as crianças aprenderam a definir as coisas como se elas fossem isoladas umas das outras. Essa é uma postura típica do raciocínio sumário. (60)

A falta de noção de contexto também auxilia na diminuição da habilidade que as pessoas possuem para estabelecer relações de custo-benefício. Como consequência, a capacidade de escolha dessas pessoas se torna mais fraca e elas se deixam cada vez mais se influenciar por orientações externas.

De qualquer forma, o que cabe ressaltar é que no mundo de hoje o raciocínio linear se tornou em uma espécie de sistema de crenças. E quanto mais racionalizado e institucionalizado for esse sistema, mais seguidores ele terá e, por consequência, mais ele se afastará da essência da condição humana.

“Jurisprudências firmadas”

“Da discussão nasce a luz” – essa é a frase que vem guiando a nossa sociedade faz séculos. Até é um pressuposição razoável, mas não com o tipo de condicionamento a que estamos reprimidos. Esse condicionamento nos fez acreditar que, diante de certa questão, dois ou mais debatedores expondo argumentos “racionais”, acabarão chegando a um resultado que será o melhor para todos. E não só isso: também cremos que essas soluções, quando transformadas em registros históricos, sempre serão eficazes para auxiliar na resolução de problemas semelhantes que surgirem no futuro.

Aristóteles já dizia que todo conhecimento novo se baseia em conhecimentos anteriormente já existentes. Se assim fosse, não poderiam existir experiências novas. Porém

isso não quer dizer que não se precisa olhar para o passado, nem que conhecimentos anteriores nunca possuam valor. É certo que valem, e muito até. Mas a experiência mostra que a maior parte desses conhecimentos anteriores só servem para a vida mecânica, justamente porque ela é repetitiva.

Quando nos voltarmos para o passado em busca de orientação, é importante notar que os registros acumulados foram em sua maioria obtidos a partir de um raciocínio cartesiano. Logo, é preciso ter cautela ao fazer essas consultas, e não esquecer de que se nos guiarmos apenas pelo passado, maiores serão as possibilidades de sempre nos orientarmos pela repetição do que pela diferença.

E é dessa forma que seguimos: vivendo, pensando e agindo em linha e usando esse modelo de pensamento onde ele é útil, e também onde ele não é (os problemas não-mecânicos). Essa conduta nos conduz a artificializar o natural e, de forma dessa, nos leva a resultados pífios em termos de qualidade de vida. O único problema é que até o momento não se experimentou alterar de forma efetiva o nosso modo de olhar: mudar o sistema de pensamento e, depois disso, verificar o que acontece com essa natureza que acreditamos ser inalterável.

O jogo e seus resultados

O que o pensamento complexo propõe, em vez de apenas discutir resultados, é que é necessário questionar, antes de tudo, o processo mental por meio do qual os resultados foram obtidos. A própria lógica linear impede que essa proposta seja colocada em prática da forma ideal. (62)

Dentro da tradição da argumentação dita lógica – que privilegia a racionalização e a consulta ao passado – essa proposta tem sido reprimida á discussão “racional” e por meio dele tem sido recusada por muitos, já que “não faz sentido”.

O que vemos hoje são inúmeras técnicas de negociação que tentam nos persuadir de que estão procurando soluções lógicas e justas, porém buscam, em verdade, separar as pessoas do problema. E o pior: muitos ainda se admiram quando verificam que essa estratégia não obtém o resultado que deseja, e que os conflitos persistem mesmo depois da assinatura de tratados e acordos cujas decisões refletem o mesmo sistema de pensamento que induziu aos problemas. Quando não isso, as pessoas simplesmente não se admiram por acreditar que sempre foi assim e que já se faz o máximo que se pode. Essa discussão que chamamos de “racional” é, portanto, irracional. Os seus resultados não sempre limitados e dão origem a

diversos outros debates, que também são tidos como racionais, que por sua vez produzem novos debates, que se supõe terem a mesma racionalidade e assim persiste sempre.

A confiança relativa

O objetivo do debate “racional” é desconsiderar o máximo de variáveis, a aleatoriedade, a imprevisibilidade e a impermanência. Dessa forma, visa excluir os homens – já que eles são tudo isso. O seu objetivo não explícito é retirar das pessoas a sua humanidade e retirar das situações humanas o que é mais profundamente humano.

Quando afirmamos que uma coisa faz sentido, geralmente estamos querendo mostrar que ela não desafia a linearidade do nosso sistema de pensamento, ou seja, ela não nos ameaça. Essa coisa faz sentido então para a lógica linear, pouco importando que não faça sentido algum em relação às necessidades da vida do homem não-mecânica. Sempre dizemos que gostamos e queremos o novo, o original, mas as pessoas com ideias e ações novas, de fato, nos assustam. Tentamos até as homenagear e as reverenciar, mas tomamos o cuidado de colocar uma fronteira bem nítida entre elas e nós.

Fazemos sempre as mesmas coisas. Buscamos a padronização, e não a diversidade. Queremos um pensamento único e não, multiculturalidade. Dizer que algo é antigo ou que já foi feito antes é uma forma de resistir à mudança, de correr para a “segurança” daquilo que já é conhecido. É uma forma de afirmar que a natureza humana sempre foi dessa maneira e que de nada adianta tentar alterá-la.

Nos tendemos a eliminar mais fortemente do que a integrar. A nossa cultura nos molda de tal forma que não sabemos ouvir. Quando alguém nos diz alto, em vez de escutar até o fim logo começamos a comprar o que é dito com as ideias que já temos anteriormente. Esse processo mental – chamado pelo autor de automatismo concordo-discordo – quando levado a extremos se torna muito limitante. Escutar até o fim, sem concordar ou discordar, é algo muito difícil para nós. Não sabemos ficar, ainda que de forma temporária, entre o conhecido e o desconhecido. Preferimos o conhecido ao nada. Ainda que esse conhecido não seja o ideal.

(65)

Lições da História

Se olharmos a história dos homens, constataremos inúmeros exemplos de como a lógica cartesiana não chega aos resultados esperados e também de como nos mostramos

incapazes de aprender com nossos erros e fracassos. Um exemplo pode ser visto nos primeiros escritos de Freud, onde ele acredita que a libertação do homem de seus tabus sexuais o levaria à saúde mental. (65-66)

Ainda que não fizesse uso desse termo, já na década de 40, Fromm havia verificado a necessidade de se pensar sistematicamente. Ele acreditava que a concentração de esforços em qualquer direção, com exclusão das outras, tinha efeitos destrutivos para a totalidade do que se buscava alcançar. Ele afirmava ainda que esse representava o maior dos obstáculos do homem ao progresso.

Nesse e tantos outros exemplos históricos, o que deve ser notado é a incapacidade humana de aprender através da experiência. Hoje todos esses equívocos se reproduzem, detalhe por detalhe, com a escalada do neoliberalismo, sistema este que dá grande valor à competitividade e ao lucro, ignorando por inteiro tudo o que não se refira ao lado econômico/financeiro da existência humana.

A rigidez do preconceito

O pensamento linear é uma das ferramentas mais eficazes para criar e manter atitudes preconceituosas. Na formação dos preconceitos, a primeira coisa que deve se considerar é que o nosso juízo se afasta do que observamos. Como consequência, nós somos levados a querer encaixar a experiência vivida em referenciais os mais simples possíveis.

Outra estratégia utilizada é o argumento *ad hominem*. Trata-se de dar mais importância a quem argumenta e não ao que é argumentado. É muito utilizado para ignorar uma ideia ou concepção só pelo fato de vir de alguém que não gostamos ou com quem não concordamos.

O automatismo do concordo-discordo é característico da orientação da lógica da cultura do patriarcado, uma vez que faz da desconfiança uma reação automática. Com efeito, em uma cultura competitiva e reativa como a nossa está estruturada atualmente, gostar dos outros e confiar neles não é uma tarefa nada fácil. Esse argumento está na formação dos preconceitos e permanecerá na sociedade enquanto durar a hegemonia desse sistema de pensamento.

O primeiro passo a ser dado para a criação do preconceito é separar o fato do juízo que dele fazemos, ou seja, pôr o julgado no lugar do dado.

O preconceito existe na sociedade humana desde os tempos imemoriais. Ele acontece porque acabado sendo considerado algo muito natural para a maior parte das pessoas. Aliás, essa é uma maneira bastante comum de nos desculparmos mutuamente por sermos

preconceituosos. Trata-se da conhecida indulgência do senso comum, como sempre robustecida pelo ânimo simplificador do raciocínio linear: se todos pensam assim, deve estar certo. Para que possamos levar a sociedade com tamanha competição predatória e exploração mútua, é necessário que os preconceitos existam. É através dos preconceitos que se define quem é forte ou fraco, quem é melhor ou pior. A racionalização sempre pode ser vista a serviço desse movimento mental. Caso paremos para pensar sobre os demais fatores que alimentam as ideias preconceituosas, chegaremos sempre em variantes mais ou menos explícitas do processo de racionalização. (68)

Cabe notar que quanto mais autoritária for determinada sociedade, mais preconceitos ela terá. O autoritarismo se baseia nessa liga de micropreconceitos, cujo progressivo desenvolvimento vai aos poucos consolidando o reino do medo e da paranoia. Mas nem por essa situação as pessoas deixam de ter necessidade de expressar aquilo que sentem – só não podem fazer livremente, por conta da carga de ideias fixas com que se deparam a cada passo, que se expressam através de interdições, censuras, entraves burocráticos e assim por diante. Entretanto, até mesmo nas vias de escape ao preconceito que existem, o acúmulo de frustrações se mantém acima do que é tolerável. É então que partimos para a “caça dos culpados”.

O próximo passo para a criação de um preconceito é a internalização dos sinais. Dessa forma, são formados os modelos mentais, a maior parte deles inconscientes, aos quais sempre recorreremos quando as nossas frustrações se tornam intoleráveis.

É um erro tentar estudar qualquer questão, segundo o autor, sem antes tentar entender a imensa rede de preconceitos que a envolve. De qualquer forma, ele ainda crê que antes que se consiga pelo menos uma minimização dos preconceitos (o que não pode ser conseguido fazendo-se uso apenas do modelo mental linear), questões como a exclusão social, jamais serão resolvidas.

O pensamento sistêmico

Segundo as ideias do pensamento sistêmico, tudo está interligado. O único problema é que a nossa educação formal nos conduz a pensar em termos de partes separadas, e dessa forma perdemos quase que totalmente a capacidade de verificar as ligações entre as coisas e os fenômenos. Cabe notar também que só o pensamento sistêmico não poderia sozinho resolver os nossos problemas. Assim como o pensamento linear dele precisa, este precisa daquele. (70)

Um sistema pode ser entendido como um conjunto de dois ou mais componentes que estão interrelacionados e ao mesmo tempo são interdependentes – os sub-sistemas – cuja dinâmica se volta a um objetivo comum. Por menos que seja a alteração que sofra uma das partes, a totalidade será afetada. É a organização do sistema que confere a identidade do conjunto.

A organização é a responsável por determinar as características essenciais dos sistemas. A estrutura é capaz de mostrar como as suas partes se interligam fisicamente. A primeira identifica o sistema, mostra como ele está formatado. A segunda identifica concretamente as partes e mostra como elas se interligam e como o sistema se comporta.

A estrutura pode variar sem que isso cause uma desorganização no sistema. Enquanto as mudanças foram compatíveis com a organização, a identidade do todo será a mesma. Cabe notar que quando aqui se fala em mudança está-se referindo basicamente às alterações estruturais, que conduzem a uma recomposição dos elementos internos – os subsistemas – e por conta disso a novas formas de funcionamento.

Autopoiese

Poiesis é um termo grego que pode ser interpretado como significando produção. Autopoiese quer dizer autoprodução. O termo foi inicialmente utilizado para definir os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si próprios. Ao mesmo tempo que um sistema autopoietico é produtor, ele também é produto, isto é, aquilo que se forma, serve para formar os demais.

Para Maturana, o termo “autopoiese” traduz o que ele denomina de “centro da dinâmica constitutiva dos seres vivos”. Para que os seres sejam capazes de exercê-la de forma autônoma, eles precisam recorrer a recursos do meio ambiente. Ao mesmo tempo que são autônomos são dependentes. Trata-se, na verdade, de um paradoxo. Esse paradoxo autonomia-dependência dos sistemas vivos é melhor entendido a partir de um sistema de pensamento que englobe o raciocínio sistêmico (que estuda as relações dinâmicas entre as partes) e o linear – o pensamento complexo. Se os sistemas autopoieticos são ao mesmo tempo produtores e produtos, pode-se dizer que eles são circulares, isto é, funcionam em termos de circularidade produtiva.

Determinismo e acoplamento estruturais

Conforme os pensamentos de Maturana, todo sistema vivo é determinado através de sua estrutura, ou seja, pela forma como os seus componentes se relacionam entre si. O que acontece com um determinado sistema em um dado momento depende de sua estrutura nesse mesmo momento.

Se os sistemas são estruturalmente determinados, não existem dados externos que sejam válidos para todos eles. Por isso, “verdades” que existem para todos os homens, na verdade, não existem. Diferentes estímulos externos definem reações diferentes em sistemas com estruturas diversas.

O determinismo estrutural também não diz que a realidade é exclusivamente subjetiva: diz apenas que subjetiva é a forma de percepção que temos disso. Somado a isso, ainda sustenta que a percepção não é determinada de forma unilateral, e sim através da interação do nosso organismo com o meio.

Maturana ainda diz que os sistemas e o meio em que eles vivem alteram-se de forma constante e congruente. A esse processo interativo, Maturana dá o nome de acoplamento estrutural.

Mesmo sabendo que cada sistema vivo é determinado através de sua estrutura, é importante ressaltar que quando dois sistemas estão em acoplamento, num dado instante dessa relação, a conduta de um é sempre fonte de respostas compensatórias por parte do outro.

Toda vez que um sistema influencia o outro, este passa por uma mudança de estrutura, uma alteração temporária. Ao replicar, o influenciado dá ao primeiro uma interpretação de como percebeu essa alteração. Um diálogo é estabelecido. Forma-se um contexto consensual, onde os organismos acoplados se influenciam de forma mútua.

No entanto, o fato de os sistemas vivos estarem submetidos ao determinismo estrutural não quer dizer que eles sejam previsíveis. São determinados, mas não predeterminados. É bastante lógico: se a estrutura muda constantemente e em congruência com as modificações do meio, que são aleatórias, não é correto falar em predeterminação. (74)

O mundo em que vivemos é aquele que construímos através das nossas percepções. Dessa forma, o nosso mundo é a nossa visão de mundo. Se a realidade que vemos também depende da nossa estrutura, que é individual, existem tantas realidades quantas forem as pessoas observadoras. Eis aqui o motivo pelo qual o chamado conhecimento objetivo não pode ser de fato objetivo: o observador não está separado do processo que observa.

Para Maturana, quando alguém se diz objetivo, na verdade está dizendo que possui acesso a uma forma privilegiada de ver o mundo, e que esse privilégio lhe confere uma autoridade que implica na submissão daquele que não é supostamente objetivo. Mas, na

verdade, o que os homens conseguem com essa pretensa objetividade nada mais é do que uma visão de mundo dividida e limitada. É a partir dela que nos entendemos autorizados a julgar a condenar aquilo que não se diz objetivo e aqueles que não concordam conosco. Fazendo uso de uma visão dividida e limitada, tentamos chegar à verdade e mostrá-la aos outros – uma verdade que acreditamos ser a mesma para todos.

Representacionismo e construtivismo

O pensamento representacionista acredita que o mundo é a ideia que temos dele, ou seja, corresponde à representação que dele fazemos. Isto implica em um mundo previamente dado, de existência independente – uma realidade que existe antes da observação, que conteria informações já prontas. Caberia à pessoa que observa extrai-las dela através da cognição. (76)

Há, no entanto, quem pense de forma diferente. Para Maturana e Varela, a cognição não consiste em representações (ideias) que o observador tem de um mundo que lhe é anterior. Em vez disso, eles acreditam que o processo cognitivo é um processo dinâmico de construção e inerente ao fluxo da vida, ao processo de viver. Segundo esses dois autores, à medida em que se desenrolam as suas vidas, os sistemas vivos vão edificando o seu mundo. Ainda segundo os mesmos autores, conhecer é construir. O mundo não é a ideia que temos: é a realidade que elaboramos à medida em que vivemos, conforme referenciais que estão determinados em nossa estrutura. Os seres vivos edificam o seu próprio mundo. Cabe notar que eles não fazem isto de forma unilateral, mas sim através da dinâmica de seu acoplamento com o ambiente.

As consequências práticas dessas ideias são da maior importância uma vez que significam o questionamento de um ponto de vista que até então era visto como indiscutível – a ideia de que as informações são retratos fiéis de um mundo que pensávamos ser anterior a nós e do qual acreditávamos ser possível fazer representações mentais. Isso significa que as informações que trocamos com o nosso dia-a-dia, através da linguagem escrita ou falada, não são em verdade descrições objetivas do mundo, isto é, não são tão informativas como pensamos. Essa não é uma posição fácil de entender e muito menos ainda de aceitar, já que estamos acostumados a acreditar que a linguagem escrita e falada é capaz de mostrar verdades sobre coisas e eventos.

As informações que acreditamos transmitir através da linguagem não são tão fielmente representativas da nossa interação com o mundo, como pensamos até então. A linguagem não é capaz de veicular de forma adequada informações contidas num mundo anterior a nós, pois

a nossa interação com ele é dinâmica e global. As informações que dele tiramos são apenas recortes de um contexto infinitamente maior, com o qual estamos em acoplamento estrutural. Entre sistemas vivos sempre em construção e um mundo supostamente já pronto e que lhes é anterior, há nitidamente uma diferença. E é por isso que nós só podemos conhecer o mundo na medida em que o construímos. (78)

Nesse contexto, podemos dizer que não são as informações que produzem as mudanças, mas as interações do sistema com o meio, onde estão, certamente, os outros sistemas. O que está em jogo é a circularidade da relação entre o observador como sistema vivo e o mundo.

Depois de feito todos esses apontamentos, podemos concluir que conhecer o mundo a partir da nossa estrutura é o mesmo que criá-lo de um modo dinâmico e interativo. E isso é diferente de apenas fazer representações passivas dele em nossa mente. Como a nossa estrutura vive em constantes mudanças, em decorrência do nosso acoplamento com o mundo, segue-se que essa criação está integrada à própria essência da nossa autopoiese, ou seja, da nossa vida

Um dos grandes interesses do nosso mundo hoje, talvez até o maior deles, é preservar o representacionismo, ou seja, conservar a crença de que as informações já estão prontas de fora e são descrições objetivas do mundo. Apoiar a visão de mundo representacionista é de grande interesse para o capitalismo. Como se nota, essa visão é extremamente facilitada e mantida pela formação mental atual – o pensamento linear. Esse é o principal motivo pelo qual há grande resistência contra a visão complexa (e não apenas a sistêmica). Enquanto não pudermos fazer uso do pensamento complexo, as verdades individuais continuarão em conflito e sempre teremos problemas para entender a realidade.

As comunalidades

Atualmente existe um conjunto de situações que têm sido denominadas de comunalidades. São questões de caráter planetário, não passíveis de soluções dentro dos territórios nacionais. São exemplos: a AIDS, as drogas e o desrespeito aos direitos humanos. Todos esses fenômenos estão interrelacionados, e essa característica é justamente o maior problema que os Estados-nação possuem: por estarem fechados em suas fronteiras, não é fácil para os governos pensar em termos fora dessa sistema.(80)

As comunalidades podem ser vistas como a globalização da infelicidade. A incapacidade que os países possuem de lidar com elas separadamente possui causas diversas,

mas todas estão fundamentadas na insistência em fazer uso do modelo mental de causalidade simples como ferramenta única de solução dos problemas humanos. A solução de questões como as comunalidades necessitam de uma noção de alteridade que hoje os homens não possuem.

A clássica visão cartesiana nos convida a duvidar de tudo aquilo que aparentemente nos é evidente. Se é assim, sejamos cartesianos também nessa ocasião. A dúvida metódica precisa ser cada vez mais exercida, para evitar que prossigamos perdidos nas intermináveis conjunturas de sempre, buscando descobrir quem é que possui a “razão”.

2. A Dança dos Conceitos

O linear, o sistêmico e o complexo: uma retomada

Nesse capítulo é feita uma retomada geral nas ideias principais do autor.

Se raciocinarmos em termos de sistema veremos que a organização engloba os objetos isolados de maneira dinâmica; que as unidades em inter-relação abrangem as isoladas; que as partes que formam o todo são sub-sistemas do sistema; etc.

A forma dos objetos depende da interação das suas estruturas com o meio.

É por meio do pensamento linear que tentamos entender objetos isolados, simples e estáticos. No entanto, para que se entenda os sistemas, complexos e dinâmicos, há que se recorrer ao pensamento complexo, que permite entender as características sistêmicas básicas (unidade, multiplicidade, totalidade, diversidade, organização e complexidade).

“A desarticulação produz a morte do sistema, porque separa suas partes e interrompe sua dinâmica” (p. 84).

Soluções simples não devem ser aplicadas a problemas complexos, pois que resultam em resultados insatisfatórios.

Enquanto que o pensamento linear quer simplificar a complexidade explicando o todo através das partes isoladas, o complexo procura entender as relações entre as partes e o todo e vice-versa.

As soluções imediatistas levam a resultados imediatos e logo, ao reaparecimento do problema.

Pequenas mudanças podem gerar grandes resultados de acordo com o Princípio da Alavancagem, pois que os sistemas têm pontos em que as ligações de suas estruturas são mais delicadas (os pontos de alavancagem), desse modo, quando mobilizados esses pontos, grandes

resultados podem ser produzidos.

O que é Complexidade?

É a produto natural da interação de complementaridade entre ordem e desordem.

A complexidade “... corresponde à multiplicidade, ao entrelaçamento e à contínua interação da afinidade de sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural. Os sistemas complexos estão dentro de nós e a recíproca é verdadeira” (p. 87).

A complexidade só pode ser entendida pelo pensamento complexo (aberto, flexível e abrangente), pois que, este aceita a tenta entender as mudanças constantes do real, sem negar a contradição, a multiplicidade, a aleatoriedade ou a incerteza.

O pensamento linear não é capaz de entender a desordem pura, pois que é pautado na ordem, assim como o pensamento sistêmico não pode entender a ordem pura. Seguindo-se essa linha de pensamento, a complexidade só pode ser entendida pelo pensamento complexo, que lida com ordem e desordem.

Os Operadores Cognitivos

São também chamados de operadores de religação, são necessários para o entendimento da visão complexa. Esses operadores não devem ser pensados como isolados, mas em conjunto. São operadores: pensamento sistêmico, ideia de circularidade, noção de circularidade produtiva, operador hologramático, operador dialógico, transacionalidade sujeito-objeto.

É ressaltado ainda, que o pensamento sistêmico ao ser aplicado como simples ferramenta tem proporcionado resultados mecânicos e insuficientes para abranger a complexidade dos fenômenos cotidianos.

O pensamento sistêmico

Em um sistema o todo organizado apresenta-se diferente das partes vistas separadamente, produzindo qualidades e efeitos que não existem nessas partes isoladas. Para se entender um sistema é preciso que se entenda sua estrutura, organização, relações dinâmicas entre as partes e então todas essas relações com o meio. O pensamento complexo propõe que se pense o todo nos termos das partes e vice-versa.

A Revolução Sistêmica permitiu compreender que é possível o diálogo entre as diversas disciplinas do conhecimento, para, a partir disso poder repensar nós mesmos e o mundo.

Explicando melhor a trajetória dessa Revolução: primeiro veio a visão disciplinar (dividia o objeto de estudo para examinar as suas partes sendo que cada disciplina se focava apenas em seu próprio campo); depois surgiu a visão multidisciplinar (na qual várias disciplinas estudam um mesmo objeto, mas não se comunicam entre si); então veio a etapa da interdisciplinaridade (em que várias disciplinas examinam o mesmo objeto, mas tentam comunicar-se entre si); chega-se então à transdisciplinaridade (é o sistema total, sem fronteiras entre as disciplinas, nenhuma é superior ou inferior a qualquer outra, apenas existem diferenças).

Para que seja possível entender e por em prática a transdisciplinaridade, é necessário que se compreenda e se aplique o pensamento complexo.

A ideia de Circularidade

Na circularidade o efeito retroage sobre a causa e a realimenta, corrigindo os erros e fazendo com que o círculo mantenha-se em equilíbrio e relativa autonomia. Essa por sua vez, significa que os sistemas se auto-regulam e se auto-determinam, embora em interação com o meio ambiente. Esses sistemas produzem a si próprios, sendo chamados de autopoieticos (auto-produtores). É importante ressaltar que autopoiese é diferente de auto-suficiência, pois que na auto-suficiência não haveria necessidade de fontes externas de energia.

Para que a autonomia do sistema seja mantida é necessária ajuda externa. A autonomia está ligada com a dependência, ou seja, a parte pode ser vista como parte, mas não separada de seu todo (quanto mais independência, mais interdependência).

A ciência que estuda os sistemas de controle foi chamada de cibernética, e esses sistemas de controle são circulares, auto-regulados e autopoieticos. Podemos dizer em outras palavras que a autopoiese é a capacidade de determinado sistema de se manter estável ainda que com as variações do ambiente.

A essa altura do capítulo, o autor explica o conceito de feedback, como procedimento para o controle de processos o qual consiste em comparar-se os resultados de uma ação em curso com modelos pré-estabelecidos, quando há algum desvio entre os modelos e a realidade, o sistema regulador entra em ação para que o padrão de funcionamento seja mantido. O feedback ideal é o de equilíbrio

A circularidade produtiva

O conceito de circularidade evoluiu para o de circularidade autoprodutiva, nas quais o produto é também o produtor, exemplo disso é os indivíduos dentro de uma sociedade: aqueles influem sobre esta e o contrário também ocorre.

Operador Hologramático

Subtítulo reservado à metáfora do holograma, onde na fotografia obtida cada parte contém o todo do objeto reproduzido e vice-versa. Assim, o indivíduo faz parte da sociedade, e a sociedade faz parte do indivíduo.

O operador dialógico

O autor expõe uma breve explicação da palavra “dialética” como um diálogo que envolve uma dualidade. Segundo Hegel, a toda ideia (tese) provoca uma ideia que lhe é oposta (antítese), e do embate de ambas surge uma terceira ideia (síntese). Para ele, nenhuma contradição é insuperável.

Já o pensamento dialógico considera que há contradições que não podem ser superadas, assim, o operador dialógico trabalha com a existência necessária dessas contradições em vez de tentar fugir delas.

A transacionalidade sujeito-objeto

Para se observar a realidade é importante que se saiba quais os processos mentais que vão ser utilizados para essa análise do real. Devemos ter noção do quanto nossa mente está condicionada e em quais padrões se dá esse condicionamento.

Para que se entenda sob qual padrão iremos a pensar sobre nossas percepções, é necessário que se entenda as principais características do pensamento linear: contiguidade cause efeito (a busca da recompensa direta e imediata); incapacidade de perceber o novo (a forma como o raciocínio linear tenta prever o futuro observando o passado e se fechando para o presente); tendência à repetição (o comportamento repetitivo, que busca proteção nas formulações teóricas que tudo preveem e regulamentam); recorte (o modelo mental em que a

vida está dividida em recortes, como quando separamos o lazer do trabalho); divórcio entre o “eu” e o “não eu”.

Recorrer a esse pensamento linear não parece a forma mais racional para se buscar soluções.

Esse pensamento linear dificulta que as pessoas possam avaliar as verdadeiras consequências de suas atitudes e facilita a vida daqueles que não gostam de se responsabilizar pelos seus atos.

Quanto maior a separação sujeito-objeto menos o sujeito conhecerá a si próprio e menos desenvolverá suas potencialidades.

“O imediatismo e o individualismo são dois dos sinais mais evidentes do predomínio da razão linear e da separação sujeito-objeto em uma dada situação... Quanto maior o imediatismo, maior a impressão de eficácia”.

Se cada indivíduo se concentrar apenas nas suas necessidades e não nas do sistema conjuntamente, extrairá tudo do que necessita desse sistema e este entrará em exaustão.

Segundo Kant a percepção não é a descoberta de uma realidade pré-estabelecida. Porém, se nossa mente constrói o mundo, este também influencia nossa mente. Então, não existe percepção totalmente objetiva, acreditando nesse tipo de percepção, acreditamos também que há de fato, uma separação entre sujeito e objeto.

Para Hegel a consciência é inseparável do real, é social e dialética, assim, o objeto existe para si próprio, mas também para o sujeito.

Para que reflitamos sobre nós mesmos, temos de nos objetificarmos, para que nos vejamos como objeto da reflexão.

Modernidade e Pós-Modernidade

O termo “modernus” foi criado para diferenciar a Roma cristã e a pagã. O início da Modernidade tende a situar-se no século 18, com as ideias ligadas à Revolução Francesa. Por volta do Século 19 acreditava-se que a ciência solucionaria todos os problemas, na época, ou posteriormente.

Na Modernidade nada deveria ser aceito como verdadeiro se não reconhecido como tal pela razão; os problemas e os pensamentos deveriam ser divididos em partes, dos menores e mais simples para os maiores e mais complexos; devia-se ainda, anotar todos os elementos identificados, não omitindo nenhum de seus componentes; e por fim, essas normas deveriam tornar-se hábitos.

A Pós-Modernidade inicia-se em fins dos anos 60 e início dos 70.

O autor organiza as principais características de cada período:

Modernidade – visão racionalista de mundo; crença no progresso linear e indefinido; primado das metanarrativas (serão explicadas mais a frente); crença no planejamento centralizado, crenças em verdades absolutas; padronização na produção industrial; governos controladores, paternalistas e autoritários.

Pós-Modernidade – relativismo; ênfase na visão de mundo intuitiva; aceitação da arte e da criatividade nas atividades cotidianas; questionamentos de verdades absolutas; aceitação da descentralização e autogestão; tendência ao desaparecimento de governos ditatoriais; aceitação da transitoriedade, acaso, aleatoriedade e diversidade.

Ainda que o autor haja feito essa distinção entre ambos os períodos, ele ressalta, mais a frente, que deve-se evitar o maniqueísmo que mantém modernidade e pós-modernidade tão rigidamente separadas.

As metanarrativas

Fenômeno típico da era moderna, no qual se baseiam as ideologias. São discursos que partem do princípio de que existem verdades universais e absolutas, que valem para qualquer pessoa em qualquer lugar ou época. Seguem três orientações básicas: ciência materialista, razão laica e inevitabilidade do progresso histórico.

O Realismo ingênuo

Acredita que a realidade existe fora da nossa percepção e que a linguagem é capaz de descrever essa realidade objetivamente.

Seguindo-se essa linha de raciocínio podemos dizer que não há a noção de continuidade (o que é sólido é sólido). As noções de equilíbrio dinâmico e sistema são difíceis de se entender.

Disso resulta que vemos a nós mesmos como independentes de nossos semelhantes, há a sensação de que não há ligação entre os indivíduos ou animais ou fenômenos no mundo.

Razão, Racionalidade e Racionalização

A razão espinosiana, que abrange intuição, noção de totalidade e componente ético foi

trocada pela instrumental, que permite um entendimento limitado da realidade, pois trata-se de semiconsciência veiculada por um pensamento que pretende explicar o mundo a partir de uma única dimensão.

Na maioria dos casos o que achamos que é racionalidade é na verdade apenas racionalização. A racionalidade, segundo Morin, é a expressão do diálogo da nossa mente com o mundo real.

Já a racionalização acaba fazendo com que nós percamos a noção daquilo que é real e com que nos defendamos daquilo que a questiona utilizando nossos próprios princípios. Ela permite ainda, que nos comportemos de maneiras diferentes na esfera pública e na privada.

A Tirania dos Adjetivos

Uma das principais ferramentas da racionalização é o uso de adjetivos, porém, seu excesso torna uma descrição um julgamento e dificulta a autonomia do pensar de quem escuta o discurso.

Os adjetivos se transformam em rótulos para pessoas e situações, confinando-as em polos, e aí não há espaço para o “meio termo”, ou algo é bom ou ruim.

Mistérios, Problemas, Diversidade

As contradições estão sempre presentes em todas as situações e nem sempre podem ou necessitam ser resolvidas. No entanto, parecemos estarmos convencidos de que se existem problemas, é imperativo solucioná-los, e essa solução é alcançada pelo raciocínio linear através da argumentação lógica.

Segundo o filósofo Gabriel Marcel, o problema é uma situação que precisa ser resolvida e o mistério é algo que precisa ser vivido.

“Edgar Morin observa que a diversidade de opiniões e informações é o melhor meio de verificação empírica do grau de realidade dos sistemas de ideias, Isto é, da eficácia com a qual eles nos conectam com o real. É a mesma posição de Maturana, que sustenta que, numa dada cultura, a determinação do que é real e do que é imaginário se faz por meio dos consensos gerados pelas redes de conversação”.

Enfim, uma das finalidades do pensamento complexo e da sua utilização no cotidiano é entender melhor a importância da diversidade, para que se diminua a amplitude da separação sujeito-objeto.

3. A dança dos conceitos (II)

A mente mecânica: fatos, números e pessoas

Todos fazemos parte de um multidão de mentes nas quais só penetra o que é esquemático, padronizado, imediatista e essencial para a vida mecânica como comer, dormir, procriar, etc. Essas são atividades indispensáveis, entretanto sua valorização unilateral gerou uma ética baseada no princípio de que as coisas e as pessoas existem apenas para serem possuídas e usadas. Nessa filosofia tudo se reduz ao patrimônio, e como diz Kant “Todas as coisas que podem ser comparadas podem ser trocadas e tem um preço; aquelas que não podem ser comparadas não tem preço, mas dignidade.”

O economicismo tecnocrático (nome dado a essa nova ética) é uma ideia de progresso da modernidade levada às últimas consequências. Pensa-se que a quantidade produz automaticamente qualidade; contudo na prática é possível observar que o esforço desenvolvimentista baseado apenas em parâmetros econômico-financeiros tem trazido mais problemas do que soluções, como por exemplo a exclusão social e a destruição do meio ambiente. São características desse processo a estranheza, a alienação, a necessidade do outro (que procuramos eliminar) e a solidão.

O núcleo duro

As teorias se organizam em torno de um centro (o núcleo duro) protegido contra contestações. Quanto mais contestadores se aproximam dele mais os seguidores da doutrina o defendem; nessa defesa está uma das áreas de atuação do modelo mental linear, cujo principal instrumento é a argumentação lógica. Nessa linha o bom argumentador não procura ideias novas e sim a verdade absoluta, a qual acabada servindo de esconderijo de nós mesmos e dos outros. Quanto maior a capacidade argumentativa maior a unilateralidade e a superficialidade com que tratamos os assuntos pois a criatividade é eliminada.

Teorias, sonho e realidade

As teorias são necessárias como instrumentos de investigação. As pessoas práticas abordam a vida de um ângulo imediatista e utilitário, para elas só é real o que pode ser

reduzido a números, deixando de fora valores não mensuráveis como o respeito, tolerância, amor, etc.

Conhecimento, sabedoria e conhecimento sábio

O conhecimento teórico pode ser obtido pelo estudo, pesquisa e observação sistêmica; logo pode ser produzido, adquirido e acumulado. Por ser acumulável pode ser controlado por quem o estoca, tornando-se assim inacessível fora de determinados círculos. O conhecimento é uma forma de capital e a tecnologia é o resultado de sua aplicação ao trabalho. Já a sabedoria não pode ser obtida pelo estudo, e sim pelas experiências vividas, resultando da experiência somada com a aprendizagem e o crescimento. O conhecimento é representacional e operacional; a sabedoria é construtivista e estratégica. A complementaridade dos dois resulta no conhecimento informado, também chamado de conhecimento sábio. Esse conhecimento é o modo de utilizar os saberes e a tecnologia para alcançar e manter uma qualidade de vida.

Apolo e Dionísio

Nietzsche escreveu que na cultura da Grécia clássica havia dois polos, o apolíneo e o dionisíaco. O primeiro era o controlado, racional, justo – o polo da razão, ordem e contenção - já o segundo era o descontrolado, bárbaro, emocional, impulsivo –o polo da paixão, do desejo irrefreado. Apolo é o diálogo, a interação dos personagens individuais, Dionísio é o coro, o coletivo. A evolução da arte resulta da interação, conflituosa porém criativa, entre os dois polos Na sociedade atual o lado apolíneo pretende ter sempre o controle, dominando o dionisíaco. Entretanto o pensamento complexo visa englobar as polaridades, a fim de que elas se complementem sem deixar de ser antagônicas.

O complexo cérebro-mente

Quando o cérebro atingiu um nível de complexidade que ultrapassou o funcionamento instintivo e mecânico ele produziu a mente. A mente tornou-se necessária ao ultrapassar a divisão primitiva entre sim/não e passou a ser uma mente social/ambiental que produz o cérebro. Essa ideia é a de recursividade cérebro-mente. O cérebro funciona de maneira modular, por meio de interação de áreas especializadas em determinadas funções. Logo o uso abusivo da divisão do cérebro em hemisférios torna tudo estanque, caracterizando o

pensamento linear.

As veredas da alteridade

Descartes sugeriu a separação sujeito-objeto, em que esse é uma elaboração daquele. Essa separação inaugura a era do conhecimento como objeto determinado pelo sujeito. Segundo o modelo mental linear as ligações entre objetos, sensações e percepções são sempre imediatas; o que não está perto não nos pode atingir. Isso tudo gera uma negação da figura do outro, que existe só para que possamos ver nele o que não queremos ver em nós próprios.

Na sociedade de hoje há basicamente três tipos de outros: o primeiro são os que estão acima de nós, a quem temos que obedecer; o segundo são os que estão abaixo; dos quais cobramos servidão; já os do terceiro estão no mesmo plano que nós, vistos como competidores. Esses três tipos pode ser reagrupados em apenas dois: os outros de conveniência e os outros inconvenientes. Os outros de conveniência devem ser facilmente identificáveis e estar sempre a mão. São os escolhidos por nós como vilões, são a exteriorização da culpa pelos nossos problemas. Já os outros inconvenientes são um segmento bem maior e podem até englobar os outros de conveniência.

Pensando assim, quanto menos outros em nossas vidas, melhor. Esses outros não são apenas pessoas, mas também outras experiências e modelos de pensamento. Esse modelo de exclusão; e o ponto de partida para o autoritarismo e a opressão.

Ciência, magia, misticismo e o ranço autoritário

A Alguns atribuem à ciência o monopólio da seriedade, tentando assim transformá-la em cientificismo. Há milênios a tentação de tornar obrigatória uma visão una do mundo nos acompanha. Stalin, por exemplo, ao impor o realismo socialista na União Soviética bitolou a arte e atrelou-a à ideologia do regime. Entretanto não apenas na ciência existe essa ambição de controlar e dominar os outros mas também nos esoterismos; e em ambos os casos dão margem a abusos que geralmente terminam em posições autoritárias.

Não vem ao caso discutir se o misticismo e o ocultismo (formas de esoterismo) são ou não uteis para a vida prática, pois ambos exercem uma função simbólica, que precisa ser entendida e incorporada à visão científica. Os esforços para diminuir ou eliminar o charlatanismo, a magia, a auto-ajuda devem ser encorajados; desde que não levem a práticas censórias e autoritárias.

O Lugar da Não Ciência

De um lado há a ciência “séria”, que não raramente estende seu rigor às relações interpessoais, tornando-as cada vez mais frias e distantes; e de outro os “esotéricos” que enganam as pessoas vendendo mágicas ilusórias. No final das contas ambos perpetuam o modelo mental que estreita e obscurece nossa percepção e entendimento.

Sem ciência não pode haver democracia, mas apenas com a ciência não é possível praticá-la; é difícil pensar em democracia quando qualquer instituição (como a ciência) é colocada como um valor e não um fato. O misticismo e a magia, vistos tradicionalmente como irracionais, também tem a sua lógica, só que partem de pressupostos diferentes. O homem científico procura analisar as situações por um modelo de causa e efeito, já o primitivo não se preocupa com a causalidade imediata, ele usa magia para tentar resolver a situação.

O mundo precisa ser descrito e ter sua história contada numa linguagem simples, clara, que qualquer um possa entender; não na dos especialistas, sejam eles cientistas ou magos. Abandonar de todo a ciência e aderir cegamente ao misticismo é também uma atitude unidimensional.

Diferença e repetição

Na transição entre o moderno e o pós-moderno a economia crescentemente se volta para o virtual, a cultura e do software. Nessa nova sociedade a questão é saber se é possível alcançar e manter uma vida digna, num mundo em que a competição predatória e a exclusão social surgem como determinantes cada vez mais destacadas. Hoje é necessário às pessoas ter iniciativa, criatividade e capacidade de aprender continuamente. A capacitação técnica, aplicação e disciplina pedem habilidades de inovação e adaptação incessantes.

A capacidade de adaptação às modificações do meio é inerente aos sistemas vivos, e a resistência a mudanças também. Nosso cérebro está condicionado para fazer julgamentos e buscar verdades. Daí vem a nossa tendência a tudo medir, pesar e contar. A educação para a repetição e mensuração foi útil em algumas épocas, quando se exigia das pessoas o cumprimento de regras e especialização. Entretanto as coisas mudaram e não podemos continuar com a mesma mentalidade de antes. Logo se observa a importância dos grupos organizações e instituições nesse esforço de aprender. Para operacionalizá-los é importante:

autoconhecimento, respeito pela diversidade, capacidade de trabalhar eficazmente em equipe, capacidade de trabalhar de forma segura e não agressora ao meio ambiente, desenvolvimento do pensamento crítico, espírito unitário, solidariedade e cidadania.

Nem sempre a repetição é má e a diferença é boa. Para que se chegue a resultados eficazes é preciso utilizar um método, uma sistemática. A repetição pela repetição, vista como um fim e não um meio, é um processo alienante. Mas a repetição como método, é uma das principais vias para se chegar a diferença. A repetição recursiva acrescenta algo, associa-se a outros processos, constrói, visa um fim. A repetição simples nada acrescenta. Uma liberta, a outra aliena.

4. Ética, Política e Complexidade

O objetivo deste capítulo não é fazer um estudo de maneira profunda sobre a ética e apolítica, mas estudá-las de forma a destacar os pontos em que há aderências entre elas e a complexidade. Para tal, é necessário refletir sobre certos valores, segundo o autor.

O valor natureza humana

Segundo Erich Fromm a natureza humana não é permanente, mas influenciada pela evolução da história. Ainda que a natureza humana seja o resultado da evolução histórica, em todos os momentos ela apresenta características básicas, como, por exemplo, o horror à solidão, ao isolamento moral. Consoante o pensamento de Fromm, só há uma solução para um homem não viva na solidão: solidarizar-se com seus semelhantes. Se isto for verdade, diz Mariotti, a sociedade atual está caminhando no sentido contrário. (153-154)

Há, no entanto, uma grande gama de pensamentos sobre a questão da natureza humana e ficar discutindo sobre elas não levará a grandes conclusões, uma vez que essa questão é influenciada por muitos fatores, como a cultura e os valores defendidos. De qualquer forma, a experiência tem permitido a muitos concluir os seguintes pontos:

- os homens veem o mal uns nos outros e temem-se reciprocamente. Talvez a desconfiança seja a forma mais branda desse temor, e a partir dela é que se criou a grande rede de prevenções existentes na atual sociedade do patriarcado;
- o trabalho da educação consiste em evitar o mal e fazer o possível para buscar o bem,

já que o mal parece morar dentro do coração do homem e o bem precisa ser procurado;

- Repetidamente, durante a história da humanidade, o mal foi considerado como a principal característica do homem. Todavia há aqui duas posições centrais tomadas pelos estudiosos: ou o homem é bom ou é mau, não há meio termo; ou o homem não é bom nem mau, o que significa dizer que é as duas coisas.

Como se nota, há quem afirme que a natureza humana não existe e que ela é o produto do meio, mas também há quem diga que a natureza humana existe. Esta posição é a tomada por Freud, por exemplo, que acredita que a natureza humana é predeterminada e imutável.

Colocando a questão da natureza humana sob o ponto de vista da estrutura cerebral há diversas outras teorias. Uma das mais conhecidas sobre a organização do cérebro humano é a pertencente ao cientista Paul Mac Lean, que propõe que o nosso cérebro é triúnico, isto é, composto de três outros, e as partes mais evoluídas se sobrepõem às mais primitivas. Segundo Mac Lean, a evolução filogenética se deu de forma que cada nova parte foi sendo colocada sobre a anterior, sem modificá-la de modo significativo.

Segundo ele, o cérebro estaria assim dividido:

- o cérebro mais arcaico é também aquele situado de maneira mais inferior. É o complexo reptiliano ou o complexo R, que se aloja no tronco cerebral e que responde pela agressividade, pela territorialidade, pelo bairrismo, pela hierarquia, pelo instinto de fazer parte de um grupo e de seguir um líder;
- acima deste, se encontra o sistema límbico ou cérebro mamífero, responsável pela vida afetiva;
- por fim e acima dos demais, encontra-se o neocórtex, onde está situado todos os neurônios e responde pelas funções como a visão, a fala, a audição e a compreensão. É aqui que se processa o raciocínio, o pensamento lógico;

Segundo Mac Lean, esses três cérebros funcionam de modo autônomo ao mesmo tempo que são interdependentes. Essa situação foi resumida pela psicólogo Abraham Maslow, que notou que os mais altas ideias do homem põem-se sobre os seus mais baixos instintos, e necessitam destes para se apresentar. Isto significa dizer que a racionalidade do córtex repousa sobre a emocionalidade e sobre a instintividade das estruturas do tronco cerebral, e não pode

ignorá-las.

Diz-se também que as estruturas mais primitivas do homem possuem uma programação fechada, o que explica porque o homem sempre continuará sendo o que sempre foi: egoísta e agressivo, por exemplo. Isto é o mesmo que dizer que a natureza humana é determinada somente pelos seus instintos, negando ou vendo como diminuta, a influência da cultura.

Visto isso, parece ser correto dizer que ou não existe natureza humana ou se ela existe, é imutável e determinada quase que totalmente pelos seus instintos. Ou seja, o homem é essencialmente mau e isso não mudará nunca visto que o tronco cerebral já chegou na sua máxima evolução. Cabe concluir que as estruturas que estão abaixo do neocórtex são impermeáveis a mudanças e aprendizados, o que significa dizer que o homem é influenciado pela cultura de forma superficial. A prova disso se encontra na própria história dos homens: uma história marcada por violência e guerras. Portanto, tudo o que tivermos que pensar em relação ao nosso futuro, deverá se basear nessas premissas. (156)

Eis uma sequencia típica do pensamento linear. É assim que pensamos no cotidiano, foi assim que aprendemos na escola e será dessa forma que ensinaremos aos nossos filhos. Esse padrão mental é predominante na nossa cultura há cerca de sete mil anos. Disso é que vem o fato da maioria das pessoas acreditarem que esse é o único possível, ou pelo menos o mais adequado à vida “prática” e aos assuntos “científicos”.

Se assim for, não há motivo algum para nos declararmos frustrados por não termos conseguidos melhorar a nós mesmos e nem a sociedade. Não nos ocorre que pensando dessa forma, nada de novo será descoberto. Por outro lado, somos incapazes de entender que para desenvolvermos satisfatoriamente o nosso potencial necessitamos, primeiramente, reformar o nosso atual sistema de pensamento.

A lógica linear não consegue trabalhar, e nem é essa a sua finalidade, com questões não-mecânicas e as declara não-essenciais. É o caso do homem “prático”, que chama de teóricas a questões relativas ao amor, à amizade, à intuição e ao respeito entre as pessoas. Por sua vez, o pensamento não-linear – o pensamento romântico ou poético, não é capaz de lidar com as questões da vida mecânica.

Sabe-se que o processo histórico, sob vários aspectos, é uma crônica do conhecimento acumulado. Porém aprendemos a ser repetitivos e a acreditar que se o homem não muda, os nossos problemas também não irão se modificar. É isso que consta na história e a escrevemos como a crônica dos homens que não mudaram. Como explicação, dizemos que a história sempre se repete, como se ela não fosse, na verdade, um reflexo da mesmice que está contida

em nós.

Na verdade, o processo histórica é mesmo uma crônica de não-mudanças e nele podemos recorrer a fim de obter informações úteis para as ações que se repetem, para as ações da vida mecânica. No que se refere ao problemas humanos, no entanto, caímos sempre no mesmo: a consulta mostrará que, indiferentemente da posição tomada, o resultado sempre será o mesmo, como é o caso do triunfo da esperteza sobre a inteligência. (157-158)

Mas o mais espantoso é que mesmo tendo conhecimento de tudo isso, insistimos em buscar na história a solução para os problemas atuais. Chegamos ao ponto até de não reconhecer problemas novas, já que na história não poderemos encontrar uma solução. E mesmo que admitamos problemas novos, não teremos o que fazer com o que aprendemos, uma vez que eles exigirão novas soluções – estas que estão fora da nossa percepção e da nossa compreensão.

Nos destinamos a aceitar somente o raciocínio cartesiano e todo o resto é perda de tempo. Nos condenamos à comodidade, o que gera mediocridade, o que gera mais comodidade, o que gera ainda mais mediocridade – o interminável círculo.

Retornando ao tema central, como podemos ter certeza que as nossas estruturas cerebrais não podem e nem vão mudar? Dizemos isso a partir da experiência, consolidada por conhecimentos fornecidos a partir do modelo mental linear e relatada na história escrita por homens linearmente condicionados. Essa programação do tronco cerebral é considerada fechada no que se refere a um contexto repetitivo e a um sistema de pensamento também repetitivo.

Para Fromm, a questão da natureza humana pode ser colocada da seguinte maneira: ela representa um conflito que nasce da situação característica do homem: um ser que não faz parte do mundo natural e ao mesmo tempo não está fora dele, isto é, um ser estranho. O que nos retorna ao dilema já muito conhecido: razão X emoção, córtex cerebral X sub-córtex. Ainda segundo este autor, os diversos modos de vida das pessoas são tentativas de superar esse problema. Para Fromm, há duas respostas: uma regressiva, que representa uma volta ao mundo natural e que é representada pelos chamados movimentos contraculturais, e a progressista, por sua vez, diz que o homem é bom. Este último pensamento acredita que se o homem for bem liderado, ele pode até mudar de comportamento. Desta forma, o governo e o planejamento seriam mais eficazes do que o mercado.

Fugindo dessas correntes de pensamentos, afinal, o homem é bom ou mau? Há quem acredite que nem é disso que se trata. Para estes pensadores o que realmente importa não é a bondade ou a maldade das pessoas, mas a estupidez – esta tão mencionada por Gustave

Flaubert. Para os que pensam como Flaubert, a estupidez humana é uma das forças mais desprezadas da história uma vez que ela tende a predominar já que seus argumentos são mais facilmente entendidos do que as razões da inteligência.

Segundo Mariotti, não é possível mudar a ideia de que o homem é por natureza mau enquanto fizermos uso predominantemente do raciocínio linear. Podemos confirmar esse pensamento em Calvino, Lutero, Kant e tantos outros. Enquanto o predomínio for de um sistema mental dividido, as conclusões a que chegaremos a partir dele também serão parceladas e o bom senso aconselha que somente parte delas sejam aceitas em partes.

Há ainda quem afirme que somente o ego é mau, e que o inconsciente é melhor do que o ego. O inconsciente seria capaz de solucionar os problemas que o ego não pode solucionar e, de forma alguma, poderíamos dispensar o ego da nossa vida.

Em nossa vida integral não precisamos dizer quem somos, qual a nossa profissão ou quais são as nossas demais qualificações, simplesmente somos. Dizer o que somos é imprescindível à vida mecânica. Sendo assim, mostrar quem somos se torna uma necessidade da vida total. Nas duas situações, o ponto de equilíbrio é a nossa relação com o outro: ele é necessário para nos dizer o que somos, mecânica e integralmente. (160)

O mundo se revela a nós pelo que somos em nossa totalidade, não só pelo nosso ego e nem só pelo nosso inconsciente. O que atinge o nosso ser integral independe do nosso ego, não pode ser excluído e tem de ser vivido até o final. São circunstâncias que não podemos contornar.

Diante de tudo o que foi dito até aqui, podemos concluir que as discussões acerca do homem ser bom ou mau são típicas de uma cultura limitada por um modelo mental binário. Já que não podemos simplesmente esquecer o fato de que o homem possui um lado bom e possui um lado ruim, e que é impossível ignorar um em prol do outro, apelamos para as ideias de predominância: dizemos que o homem é naturalmente mau e que as suas expressões de bondade são exceções. A maldade representaria a cultura e a bondade a contracultura – sempre presente -, que seria uma espécie de concurso tolerado. Temos uma imensa dificuldade em entender que o bem e o mau podem coexistir como opostos e até complementares, sem que haja que um se sobreponha aos demais.

A partir do racionalismo do século XIX, os que acreditam em uma natureza humana inata e má são chamados de direitistas e aqueles que acreditam que a natureza humana é um conjunto de peculiaridades adquiridas são chamados de esquerdistas. No primeiro caso, o determinismo biológico aceito faz surgir os relatos totalizantes, ao passo em que no segundo caso, as histórias são mais diversificadas e expressas pelos consentimentos resultantes das

conversações. Ainda que aparentemente didática e interessante, essa divisão se remete ao esquematismo de sempre: a favor/contra, esquerda/direita.

Diante da nossa dificuldade de entender e admitir a convivência de tendências antagônicas e complementares é que continuamos afirmando o dogma cultural do patriarcado: o homem é, por natureza, mau. Com essa repetição, auxiliamos ainda a manter e aprofundar os nossos condicionamentos, como se eles já são estivessem suficientemente arraigados. (161-162)

O valor verdade

Anteriormente já foi visto que, em nossa cultura, um dos pontos centrais é a apropriação, e esta começa com a verdade. Depois de ser apropriada, é necessário que essa verdade seja transformada em um objetivo externo e de acesso muito difícil, a fim de que fique fora do alcance do comum das pessoas. Para isto, é preciso que ela seja idealizada ao máximo e, acima de tudo, que seja considerada única e não redutível às dimensões e possibilidades mentais de cada indivíduo.

Para que se chegue a essa verdade idealizada e universalizada é necessário fazer uso de instrumentos especiais, como ideologias e objetividade. São necessários instrumentos que ajudem a manter a mística de que a verdade é um objeto abstrato, muito longe do homem comum.

Para que esse dispositivo de reserva de saber e poder possa funcionar de modo satisfatório, é necessário em primeiro lugar convencer os não-iniciados de que eles não estão prontos para buscar a verdade, e muito menos para fazer isto sem auxílio de pessoas mais capazes. Os não-iniciados precisam confiar no poder e na autoridade que possuem os intermediários. Essa prevenção faz com que a verdade individual continue a ser algo de pouco ou nenhum valor, e que a a verdade conhecida como universal e imutável se valorize cada vez mais. É a partir dessa circunstância que tem se produzido toda sorte de autoritarismos.

Para que a verdade tida como universal e imutável, sendo também a única verdade possível, não possa sofrer contestações é necessário que os seres humanos sejam vistos como espectadores passivos de suas próprias vidas – passividade essa que vem bem quando se trata de implantar regimes de força.

Já sob o ponto de vista da biologia da cognição o resultado é diferente. Maturana propõe que os processos cognitivos dos homens se originam a partir de sua atuação como sistemas vivos. O conhecimento que os seres humanos precisam para continuar a viver está

determinado em sua própria estrutura. É importante ressaltar que Mariotti não está falando em solipsismo. Esta é, segundo o autor, essa é uma posição extremada e oriunda do afastamento sujeito-objeto, que afirmar que não existe nada além do conteúdo das nossas mentes. O que Mariotti sustenta, juntamente com Maturana, é que existe um mundo, e ele e o conhecimento que possuímos são fenômenos diferentes.

O conhecimento que um ser vivo pode obter do mundo acontece em sua estrutura. Dessa forma, a realidade é a possível, a que cada um é capaz de perceber. Não é uma suposta realidade única e universal, que deve ser acomodada e “devolvida” a nós conforme as conveniências dos jogos de poder dos seus “proprietários”. A realidade é a de cada um. E o real social, local, comunitário é aquele a qual chegamos através do consenso.

As consequências desses apontamentos são fundamentais. Se não existe uma realidade imutável e universal (objetiva), mas sim uma percebida pelas pessoas (subjetiva), as quais, através do consenso, produzem uma verdade comum, cultural, esta é o resultado do conhecimento partilhado. Como consequência, a verdade de culturas nas quais é maior o respeito entre as pessoas é diferente da que existe naquelas em que os homens não se respeitam de forma mútua. Sob esse ponto de vista, a verdade de cultura em que predomina o modelo mental linear é a do pensamento único, da “competitividade” e da vida vista como uma guerra.

Como mostra o uso, a “coerência”, a “racionalidade” e outras concepções tipicamente formadas a partir da nossa cultura patriarcal, existe sempre um tom autoritário, venham da direita, da esquerda ou de onde for. A sua meta é sempre possuir, e, quando possível, monopolizar a verdade. Através desse ponto de vista, a definição de verdade é o que as ideologias querem que ela seja.

O passo seguinte é apoderar-se dela, transformá-la em propriedade e lavrar a escritura desse “bem”. Esta equivale aos textos institucionais, que uma vez reunidos formarão os denominados “corpos de doutrina”. Seja qual for o caso, o que se busca é a repetição: as coisas devem continuar da mesma forma como sempre foram. Eis aqui o valor verdade do conservadorismo.

Quanto mais distante dos leigos estiver o conhecimento, isto é, quanto mais idealizado ele for, maior será a autoridade do perito. Este, é certamente, não possui o interesse em que as pessoas pensem por si próprias – coisa que de resto elas já têm muita dificuldade de fazer.

Na prática, pode-se considerar que em muitos casos o especialista se torna um dos principais obstáculos ao conhecimento de mundo e ao autoconhecimento de que as pessoas precisam para se tornarem autoprodutoras e autogestionadas. É sobre essa noção que os

especialistas – e as instituições que eles figuram – muitas vezes constroem as suas reservas de saber e suas estruturas de dominação.

Todavia, como um indivíduo que possui um certo conhecimento e poder de explicação, o perito é obviamente indispensável. O que se critica é o abuso do poder, que leva à apropriação do saber, que acontece quando os técnicos se propõem a interferir, através dessa mecanicidade, nas emoções e nos sentimentos das pessoas.

O valor certeza

Os valores fundamentais são concebidos a partir das relações entre as pessoas e para elas voltam, em uma recursividade incessante e criadora. O ideal seria que as bases para uma vida digna surgissem do reconhecimento mútuo da legitimidade humana dos indivíduos. Entretanto, como vivemos sob o domínio de um modelo mental que privilegia o individualismo, os valores nele inspirados ou por ele veiculados em geral não passam de figuras de retórica.

O ser humano encarna os valores que vive. Dessa forma, precisa se dar conta de que estes valores possuem um único ponto de vista: o respeito por si mesmo, extensivo ao outro, que por isso precisa ser reconhecido e legitimado. Os provêm não dos indivíduos em si, mas da atmosfera criada pela interpessoalidade. É nela, e através da palavra que adquirimos a condição de seres humanos.

A história é capaz de nos mostrar que culturas que não se desenvolveram e praticaram um conjunto mínimo de valores permanecem inexpressivas, ao passo em que isto não pode ser notado nas culturas onde os valores são fixos e respeitados por todos. Naquelas culturas, o valor que as pessoas se atribuem de forma mútua é mínimo e produz uma baixa auto-estima, ou seja, o desprezo pela vida dos outros reflete o desprezo pela sua própria vida.

A grande prova dos valores é a sua capacidade de proporcionar harmonia à convivência entre os homens. Não há valores bons porque alguém disse que eles assim o são. Os valores adquirem ou não significado na prática da convivência. Em suma, o valor do outro é a origem de todos os demais.

Não se pode considerar os valores, também, como uma meta a atingir ou como um alvo a ser perseguido. O homem não vai aos valores: estes é que saem da convivência humana e para ela voltam, desenvolvidos e aperfeiçoados. Podem até ser colocados de modo retórico, mas não vividos dessa forma uma vez que assim se tornam artificiais.

Citando Maturana: “A certeza cega. Quanto mais certeza você tem, menos você vê.”

Sob essa concepção, Maturana argumenta que em vez de certezas individuais o que nós necessitamos é de coerência social. O “certo” (ou melhor, o que se convencionou considerar como sendo “certo”) é um valor que só pode ser obtido a partir do consenso. Ninguém tem o privilégio da visão objetiva da realidade, da mesma forma que o discurso de nenhuma disciplina ou ciência vale mais do que qualquer outra.

Mariotti acrescenta, porém, que não se trata de reduzir tudo à subjetividade. Ao buscar o consenso, o que se busca é examinar como se deu a transacionalidade entre os diferentes observados, e o que eles perceberam através do seu relacionamento com o mundo, para daí chegar a uma expressão dialógica dessas considerações. Não se trata de saber se houve vencedores ou vencidos, nem de concluir quem observou melhor ou quem melhor argumentou. O consenso será mais facilmente alcançado caso os participantes forem mais competentes e menos competitivos. É por tal motivo que o pensamento complexo propõe uma ética de solidariedade, respeito e tolerância.

A ontologia do observador oferece um centramento naquele que observa, no entanto, essa situação precisa levar à individualidade e não ao individualismo. O individualismo conduz ao isolamento enquanto a individualidade, à interpessoalidade, isto é, à liberdade. Como diz Gerd Bornheim, a liberdade não procura a independência, mas antes a dependência, e esta surge em relação ao outro, à comunidade e à criatividade social.

O valor confiança

Stephen Knack, da Universidade de Maryland, e Philip Keefer, do Banco Mundial, apresentaram resultados de estudos sobre confiança, no plano internacional. Estes resultados mostram que a confiabilidade entre as pessoas em país x se reflete nos resultados obtidos referentes à economia daquela mesmo país. Por exemplo, na Noruega, segundo essas pesquisas, a confiança mútua atingiu o resultado de 61,2%. Mariotti duvida que a explicação de fenômenos como este possam ser reduzidos à parâmetros da economia, e muito menos que seus resultados possam ser expressos em percentuais.

Por outro lado, o que se vê na prática é que quando o nível de desconfiança é grande, há a necessidade da multiplicação de medidas de vigilância e demais medidas de proteção contra fraudes. Isto é, quanto mais exacerbado for o patriarcalismo da cultura, maior será a desconfiança entre as pessoas, e predominarão as legislações caracterizadas por serem cautelosas e complicadas, que pretendem regulamentar até os mínimos detalhes.

Em consequência, o cotidiano estará permeado por leis, decretos, portarias, certidões,

registros, ressalvas e afins. Criam-se sociedades onde ninguém mais acredita em ninguém. A dúvida metódica transforma-se em dúvida paranoica, e a necessária ritualização dos costumes corrompe-se em farsa. Essa observação existe faz muito tempo, como pode ser visto em Louis de Saint-Just, Tácito e Lao-Tzu.

A lição a tirar desses fenômenos é que a atitude de insistir em tentar entender, e até mudar, o mundo através de um só instrumento, de um único quadro de referência, torna as conclusões sobre esse assunto pouco confiáveis – o que se estende às práticas delas resultantes.

Em qualquer comunidade, existe sempre indivíduos muito inteligentes, de compreensão profunda e abrangente. A união dessas pessoas forma as elites intelectuais, políticas e econômicas. Se essas elites possuírem os meios adequados para a divulgação de suas ideias, elas terão certamente facilidade em transmitir à comunidade pelo menos boa parte da clareza a que tenham chegado em determinado assunto.

Entretanto é indispensável que a inteligência coletiva de determinada comunidade seja capaz de entender as suas elites. E não somente isso, mas também lhe dar retornos que possam resultar em novas ideias. Estar aberto para as ideias do outro é estar aberto para si mesmo e para o mundo como um todo. Confiar em alguém é confiar em si mesmo. É algo bem distinto de ser ingênuo e de se deixar levar ou comandar. Trata-se de confiar em que se mostra como confiável, mas reconhecer que o número de pessoas assim é maior do que pensamos.

Não se pode falar em confiança sem que se fale na relação observador-observado. Caso algo não possa ser visto dentro de nós, ou seja, caso insistamos que nossos interlocutores estão sempre fora do nosso espírito, não poderemos jamais chamá-los de pessoas confiáveis. Eles podem até estar dentro de nós, mas sempre serão vistos de forma incômoda.

Segundo o entendimento de Mariotti, a confiança pode ser definida como uma virtude redutível ao pensamento digital. Trata-se de uma confiança unidimensional. Não há meio-termo: ou confiamos ou desconfiamos. Isto significa que na maioria das vezes confiamos em pessoas platônicas, em seres que não são de carne e osso. Não sabemos confiar ainda em relação à imprevisibilidade porque não aprendemos a tolerá-la – o que nos faz não saber perdoar. Acreditamos que não perdoar um carro que dá problema é o que mesmo que não perdoar uma pessoa que errou. É o máximo que podemos fazer, por sinal, uma vez que tendemos a ver máquinas a pessoas da mesma forma.

Presos anos nossos condicionamentos, não sabemos nem como posicionar de forma

adequada a questão da confiança. Como seres “racionais” que somos, diremos que tudo é muito bonito na teoria, mas que, na prática, nada funciona. E é, de fato, verdade: para um cotidiano constituído a partir de um padrão de relacionamento que tende a transformar as pessoas em máquinas de repetição, só existe espaço para a confiança orientada a partir do pensamento linear. Se essa circunstância traz um mal-estar à nossa civilização, paciência. Aliás, convém notar que paciência é algo que não possuímos na atualidade.

Não se é humano por se ter um corpo humano. Nos tornamos humanos a partir da palavra e da alteridade. E seremos tanto mais humanos quanto mais reconhecermos a legitimidade humana do outro. Desenvolvimento pessoal pode ser dito como desenvolvimento interpessoal. Desenvolver o potencial humano é desenvolver o potencial inter-humano. Desenvolver a subjetividade é desenvolver a intersubjetividade.

O valor coisa e o valor processo

A necessidade de domínio da natureza, um dos grandes ideais da modernidade, se estendeu também ao homem. Ver o outro como um objeto tornou mais simples a tarefa de controlá-lo e dominá-lo. Hoje, na maior parte dos casos, as pessoas são consideradas dessa maneira.

A sociedade da indústria se baseava no primado e na autonomia da mercadoria. Esse império do sólido acabou criando uma visão corrigida do mundo. Daí a redução das pessoas a meros objetos, a compulsão pelos bens físicos, a desconsideração pela natureza e a vontade de explicar tudo a partir de causas materiais. O espírito prático modelou a mentalidade da expressão “tempo é dinheiro”, levou ao imediatismo e à busca da causa linear, contígua ou muito próxima ao efeito. Daí se passou à escalada da ansiedade e da competitividade.

A obrigação de entender e respeitar o tempo de espera (o tempo de defasagem, o *feedback*) dos sistemas é indispensável para, pelo menos, diminuir essa ansiedade. Mostra também como o pensamento linear de forma isolada é dificilmente compatível com uma qualidade de vida digna.

A necessidade de segurança, por sua vez, reflete o desejo de que as coisas permaneçam como estão. Os investimentos em bens de capital físico, em imóveis, refletem este modo de pensar: a busca pela segurança, a evitação do aleatório, as garantias da solidez.

A definição de propriedade exige que as coisas sejam separadas umas das outras e que seus donos, por sua vez, possam ser separáveis delas. Essa separação é necessária à apropriação e também para a transmissão de bens através da herança e sua respectiva taxação.

A separação sujeito-objeto facilita a manipulação e posse de ambos pelo capital. Foi dessa maneira que a tradição (tudo deve ser mantido da mesma forma como sempre foi) e a propriedade (o que é possuído só pode mudar de mãos conforme regras bastante rígidas) se transformaram como valores-chave da cultura do patriarcado.

A alteração das pessoas em coisas permite controlá-las e também aprisioná-las. As restrições que são colocadas às liberdades, inclusive a de ir e vir, presentes nas ditaduras, configuram um exemplo. Como os objetos, os indivíduos podem ser estocados, acumulados e até excluídos. O fluxo, os processos e a dinâmica, por sua vez, transmitem insegurança – esta que é a maior das ameaças ao ego. No momento em que passamos da era industrial para a pós-industrial (ou da modernidade para a pós-modernidade), o ego se mostra inseguro, pois se vê obrigado a deixar de tratar com coisas e a conviver com processos.

Essa é a principal razão pela qual ainda hoje a cultura dominante continua fiel ao modelo cartesiano. Como conseqüências, o dinheiro é visto mais do que nunca como uma coisa-fim e mais do nunca, também, as pessoas se identificam com os valores do capital – este que pode ser chamado de “volátil” ou “virtual”, mas os mecanismos que o controlam continuam mais sólidos do que nunca.

5. Ética, Política e Complexidade (II)

O valor inclusão

É costume dizer atualmente que a exclusão social é uma das conseqüências da globalização da econômica, o que é, em certa medida, verdade. No entanto, sempre existiram excluídos. Sempre um grande número de pessoas foi deixada de fora. E mais: o perfil dessas pessoas é sempre o mesmo: não tiveram educação suficiente e não aprenderam o bastante para viver a transacionalidade entre os mundos natural e cultural. (185-186)

No tocante à exclusão social, o parâmetro mais usado é o que diz respeito à qualidade de vida. Na linha muita cultura/pouca natureza, a exclusão social é definida apenas em termos de bem-estar social. Fala-se hoje do bem-estar resultante somente do acesso a bens e serviços e da fruição de confortos concretos.

Na época histórica em que vivemos, podemos verificar o seguinte paradoxo: de um lado a massa excluída está crescendo, do outro vem aumentando o número de pessoas que se agrupam cada vez mais atrás de grades, cercas, muros, nos condomínios fechados. São estes os que querem sair com tranqüilidade e não podem. Ainda que esse confinamento não chegue

a afetar em termos macroeconômicos a posse e o domínio de bens materiais, em inúmeros vários os assaltos, seqüestros, invasões de terras e outras ocorrências vêm restringindo cada vez mais o bem-estar que só a liberdade e a tranquilidade podem promover.

A escalada da violência, mais cedo ou mais tarde, fará com que os estudiosos passem a considerar além dos valores materiais, os valores não-materiais para compor um quadro de referencia mais justo capaz de definir o que é qualidade de vida. É bastante complicado entender considerações como esta quando se faz uso da noção de causalidade simples do raciocínio linear. De qualquer forma, a experiência cotidiana acabará nos levando a essa compreensão, ainda que isso leve muito tempo e custe muito caro.

Hoje também não se pode falar da exclusão referente somente aos bens materiais, há ainda a exclusão tanto aos valores concretos quanto aos intangíveis. Concentra-se a renda e o patrimônio, mas as pessoas que os detêm em maior quantidade vão ficando cada vez mais aprisionadas.

A questão da inclusão ainda continua sendo reclamado, no entanto a profundidade necessária para que se chegue ao núcleo da questão é evitada. Todavia, as pessoas pressentem que as soluções são podem ser tão limitadas ainda que o tema seja em geral discutido como se esse pressentimento não existisse. Essa superficialidade de percepção faz com que as questões humanas sejam tratadas de forma muito simplificada, o que na pratica se traduz por uma abordagem mercantil e imediatista do viver. (188)

O valor liberdade

O ser humano possui medo da liberdade. Essa é a tese defendido por um dos livros mais famosos de Erich Fromm. Segundo a ideia deste autor, as iniciativas libertarias costumam criar reações de resistência, uma vez que as pessoas temem ser livres.

Outro estudo importante sobre o tema é o *Discurso da servidão voluntária*, escrito na França, no século XVI, por Etienne de La Boétie. Este outro autor considera a submissão não como resultado da força do opressor, mas como um problema daqueles que se submetem. Argumenta ainda que há em nosso espírito uma espécie de bom senso natural, que se for cultivado, aperfeiçoa-se, do contrário ele desaparece e faz com que nós nos rendamos ao vício.

La Boétie acredita ainda que a servidão voluntaria se explica antes de tudo pelo costume: os homens já nascem em servidão e dessa forma são criados. Compara os seres

humanos ao animais e diz que nestes a liberdade é natural enquanto no homem deveria acontecer o mesmo. E de fato, acontece. Mas depois ele acaba se desnaturando.

Podemos notar que esse raciocínio é linear e prevê a existência de uma reta de tempo, onde a sequência passado-presente-futuro segue sempre em frente e sem volta, de forma que as pessoas enxergam, na maioria das vezes, a repetição e quase nunca a diferença. Nessa ordem de ideias, a perpetuação da divisão e da servidão parece absolutamente lógica.

Em termos coletivos, a segregação entre dominadores e dominados só é possível caso o indivíduo for por sua vez dividido. É o caso da divisão do homem, por exemplo, em corpo e alma, que pode ler lida em *A República*, de Platão. (190)

Dessa forma voltamos à apropriação: o corpo apropriado para que seja capaz de produzir energia mecânica e a mente apropriada para que as pessoas não possam protestar contra a apropriação do corpo. A partir dessa ideia, podemos entender por que Platão queria que as almas fossem mais brandamente tratadas do que os corpos, e também por que ele acreditava que as almas deveriam ser tão cuidadosamente moldadas desde a infância.

Na verdade, esse desejo que o ser humano tem de obedecer, inscrito em seu corpo e em seu espírito, em muitas situações acaba fazendo com que adquiramos um certo desprezo por nós próprios. Este desprezo vem justamente da constatação de que em geral vivemos sem protestar, sem quase nenhuma iniciativa de auto-afirmação, praticamente sem gestos significantes que manifestem o seu inconformismo. À medida em que esse autodesprezo vai se tornando cada vez mais incomodo, tentamos projetá-lo nos outros. É justamente por isso que é muito difícil o desenvolvimento de uma solidariedade gratuita entre os dominados, fato este aproveitado pelos dominados para perpetuar a servidão.

Como toda obra importante, o *Discurso* sempre foi alvo de interpretações e comentários. Por isso, essa obra se torna cada vez mais atual, dando-nos a ideia não só de sua importância, mas também da gravidade da questão que levanta. Um de suas características mais importantes é a já mencionada conclusão de que a servidão está intrinsecamente relacionada com a falta de amizade. Sentimos vontade de servir porque não conseguimos ser amigos uns dos outros.

A banalização do conteúdo de uma determinada ideia, e a sua transformação em produto descartável, são as principais formas de combater tudo aquilo que contesta as culturas dominantes e são justamente por elas utilizadas. São raros os momentos em que uma nova ideia é vista como algo que possa complementar e melhorar o já existente. Cada nova maneira de olhar e fazer é sempre vista como algo que implica a morte de uma ordem e a criação de outra nova. De qualquer forma, o propósito da banalização de uma ideia é sempre o mesmo:

negar a existência do interlocutor que questiona, afastar a possibilidade de que ele possa trazer algo novo e útil – fugir à diferença. Trata-se, na verdade, de tentar controlar o outro, cassar-lhe a liberdade. (193-194)

A apropriação da Democracia

Aquilo que Jean Baudrillard chama de ilusões avaliáveis corresponde à tentativa de quantificar o inquantificável, ou seja, de nos fazer crê que nossas vidas podem ser pautadas apenas por números, indicadores e estatísticas. No entanto, esses números somente se referem aos critérios da racionalidade econômica e nada mais.

Baudrillard ainda observa que nas cidades há bens que vão se transformando em raridade, como o espaço, o tempo, a verdade, a água e também o silêncio. Esses bens se tornaram escassos, ao contrário de muitos outros, que são fornecidos e produzidos em massa. Ainda assim, há a tentativa de quantificá-los. Esses bens, que outrora eram de todos, passaram a ser raridades, ainda que não possam ser massificados. Não podem porque não são facilmente apropriáveis, e mesmo que fosse não serviriam para conduzir as pessoas à alienação.

Bens como a contemplação da linha do horizonte e a cor do céu, a possibilidade de parar um pouco sem que seja empurrado para a frente por aquele que vem atrás não são mensuráveis. Por isso não possuem grande valor em uma cultura de resultados numéricos como a nossa. Além de não possuir valor, não são facilmente destrutíveis, nem passíveis de ser descartados e substituídos por “novos modelos”, como frequentemente se faz com roupas e carros, por exemplo.

Isto também acontece com o momento presente. As nossas mentes estão condicionadas para nos levarem a vê-lo como algo muito difícil de entender, e por isso estamos sempre retornando ao passado e tentando projetá-lo no futuro. Começar algo novo a partir de agora, para nós, só possui sentido se esse “agora” for um ponto em uma linha reta, a partir da onde podemos recomeçar – mas não sem consultar o conhecimento acumulado, este que se encontra no passado. Só depois dessa consulta é que nos vemos preparados para lidar com o que está por vir. Não pensamos que, ao retomar o reconhecimento acumulado, retomaremos também aos referenciais da ideologia, do dogma e do preconceito. Isto também não deve ser entendido que tudo o que o passado possui deva ser sempre visto como algo descartável. (196)

Como é evidente, a lógica linear-cartesiana predomina também na grande maioria dos atuais governantes do mundo inteiro. Mas não podemos nos esquecer que nos países que possuem um mínimo de democracia, esses políticos são escolhidos por nós, que como eles também tiveram uma educação baseada no mesmo modelo. Dessa forma, não podem fazer leis muito diferente daquelas que já são feitas, nem ter um comportamento muito distinto daquele que já se tem.

Outra questão no mínimo interessante é que culpar os políticos por todo o mau que acontece é mais uma forma de colocar no outra a culpa para que obtenhamos conveniência. Não são apenas eles os responsáveis pelas atuais praticas do governo. Por mais elaborado que seja o discurso que as veicula, essas práticas são apenas o que queremos que elas sejam, assim como nós somos o que queremos ser. Essa é uma forma diferente de dizer que o mundo em que vivemos nada mais é do que o mundo que construímos.

Caso o raciocínio linear se deixasse complementar pelo sistêmico, as ideologias não seriam hoje o que são. Não existiriam ideologias tão totalizantes (que pouco tem a ver com as ideias aplicadas na pratica) e não existiriam religiões tão institucionalizadas (que pouco tem a ver com religiosidade e espiritualidade).

Essa estreita visão se estende à concepção desvirtuada de democracia que predomina na nossa cultura. Ao produzir a mente mecânica, ela gerou também a democracia mecânica, ou seja, o processo democrático apropriado e manipulado pela cultura do patriarcado, que molda e ajusta aos seus desígnios. O que na pratica se admite como democracia quase sempre conjectura essa apropriação e manipulação. (198)

A nossa cultura é frequentemente atravessada por conversações recorrentes, estas que tentam perpetuar a manipulação das pessoas e se apropriar do processo da democracia. Maturana destaca dez tipos de conversações que negam a democracia, sendo que o autor da obra incluir outras três e comenta todas elas, como se verá a seguir.

5. *A democracia vista como meio de conquistar o poder*: O processo de democracia e o processo de elução que ele permite são vistos apenas como uma forma de se apropriar do poder e de conservá-lo. O poder político é entendido como um fim em si, uma meta a atingir, e não como um meio de melhorar a vida das pessoas. Estas não são consideradas beneficiarias do poder, mas sim objetos sobre os quais o poder se exerce. Por conta disso, os cidadãos devem se submeter, porque é essa submissão que legitima o poder, a maneira pelo qual ele foi conquistado e a autoridade dos que o possuem.

6. *A democracia vista como meio de restringir a liberdade de informação e opinião:* Aqui se busca manter a maior parte do conhecimento disponível fora do alcance das pessoas comuns, seja complicando o seu acesso por meio de uma linguagem hermética, ou ainda o idealizando. Nos dois casos, os especialistas são vistos como os interpostos entre o conhecimento e as pessoas. O objetivo desses prepostos é impedir que os indivíduos passem a pensar por si próprios e, como consequência, se tornem capazes de gerir suas próprias vidas e fazer acordos com seus pares.
7. *A democracia vista como justificadora da exclusão social:* Aqui, as conversações tentam explicar a negação dos recursos mais primários de subsistência a grande parte das pessoas. Essas justificativas dizem que os socialmente excluídos assim se tornaram por conta da sua falta de “competitividade” para lutar por um lugar no “mercado”, este que é “democraticamente” aberto a todos.
8. *A democracia vista como meio de opor os direitos do indivíduo aos da sociedade:* Aqui se confirma o animo eliminatório do pensamento binário: o que é bom para a sociedade não é para o indivíduo, como também ocorre o contrário. A democracia não é vista como uma forma de convivência, mas como um instrumento que regula os conflitos de interesse.
9. *A democracia vista como justificadora da lei e da ordem draconianas:* A lei e a ordem são louvadas como formas mantenedoras da repressão que as forças instituídas (as culturas) exercem sobre as latências instituintes (as contraculturas) da sociedade. Nessa concepção, a lei e a ordem são vistas como quase que exclusivamente garantidoras de um ambiente tranquilo para que as empresas possam trabalhar e produzir – o que é necessário, mas não é o suficiente. (200)
10. *A democracia vista como justificadora do controle e do confronto:* Aqui, o poder, o controle e o confronto são vistos como as ferramentas-padrão que a democracia deve fazer uso para resolver as diferenças, em vez de fazer uso do diálogo e do consenso, ainda que essa escolha se dê disfarçada por meio de discursos que afirmam o contrário.
Aqui o outro é visto como um igual, mas não no sentido da igualdade de direitos e sim em termos de padronização, comportamento fixo e “pensamento único”. Caso o outro

por acaso se comportar como um produtor de ideias e posturas diferentes, ele será considerado como uma ameaçada às “liberdades democráticas”, e por esse motivo deve ser trazido de volta à “normalidade.”

11. *A democracia vista como justificadora da hierarquia, da autoridade e da obediência:*

O fim desses discussões é apresentar a hierarquia, a autoridade e a obediência como intrínsecas ao processo da democracia. Nessa ordem de ideias elas são vistas como virtudes, uma vez que possuem a capacidade promover a ordem nas relações interpessoais. Não se pensa aqui que as pessoas sejam capazes de viver em ordem por sua própria iniciativa, ou seja, não se concebe que elas possam constituir grupos que estabeleçam suas próprias maneiras de viver. As pessoas são vistas como agrupamentos que precisam ser controlados e mantidos na linha pelo uso de forças externas. Cabe ainda mencionar que essas forças restringem o acesso da maioria das pessoas aos assuntos que são de interesse da comunidade.

12. *A discordância democrática vista como forma invariável de luta pelo poder:* Aqui se

considera que os desacordos que existem na sociedade são quase sempre visto como uma ameaça aos poderes democraticamente instituídos, e quase nunca como manifestações da livre expressão de opinião que deve vigorar no processo democrático. O pensamento linear conduz às pessoas a pensar sempre em termos de amigo ou inimigo, aliado ou adversário, situação ou oposição. Toda discordância é sempre vista como uma tentativa de medição de forças, devido a crença de que a democracia é apenas uma oportunidade que todos possuem de lutar pelo poder e não um modo cooperativo de convivência.

13. *A democracia vista como justificadora da “competitividade” e da ideia de progresso:*

Esse debate propõe que o progresso material, bem como alguma de suas manifestações, são indispensáveis à vida humana. Propõem ainda que a democracia é um meio de oferecer às pessoas o espaço de competição de que elas precisam para que possam atingir as suas metas. (202)

14. *A democracia vista como justificadora do imediatismo:* Aqui, a ansiedade da mente

condicionada para a concorrência predatória se manifesta pela obrigação de impor um determinado ponto de vista, antes que ele possa ser submetido à análise e à discussão

pela sociedade. Nada mais é do que possuir a última palavra sobre determinado assunto, o que, em última análise, é uma variante da necessidade de manter o poder.

15. *A democracia vista como justificadora da repetição*: Essas conversações buscam transmitir e firmar a ideia de que a instituição democrática é um produto acabado, e por tal motivo não precisa de modificações. Ainda que se afirme o tempo o todo que a democracia é um processo, age-se como se ela fosse um produto fabricado em série, recém-saído de uma linha de montagem industrial e destinado a um público padronizado. Nas poucas falas referentes à mudanças, o que se deseja é impor ressalvas à democracia e condicionar-lhe as práticas, ou seja, mantê-la exatamente da mesma forma como está hoje.

16. *A democracia vista como o menor dos males*: Nessas discussões, o fundamento é a frase de Winston Churchill, que diz que a democracia é o menos imperfeito dos sistemas políticos. Dessa frase surgem debates que traduzem a necessidade de comparar, conceder juízos de valor, estabelecer diferenciais competitivos, expor que o processo democrático é superior aos demais, não porque é melhor, mas porque os demais são piores.

17. *A democracia vista como “vantagem competitiva”*: Essa é uma conversação muito comum entre os políticos que estão em campanha. Ela consiste em tentar quantificar a democracia, em geral através de estatísticas eleitorais e outras, com o objetivo de mostrar que um determinado candidato é “mais democrático” do que os seus adversários.

Para que essas conversações possam ser colocadas em prática, o raciocínio linear é mais do que suficiente e, como expõem os políticos quando se conduzem aos seus eleitores, quanto mais inicial for o modo de usá-lo, melhor. Trata-se, portanto, de linearizar o mais possível processo democrático, não o reduzindo a sua expressão mais simples, mas à sua dimensão mais simples.

Conforme o pensamento do autor, essas considerações são satisfatórias para que se tenha uma ideia dos problemas implicados na reforma do modelo mental dominante em nossa cultura. No entanto, isso não significa que tal reforma seja impossível. É necessário fazer uso

do pensamento complexo e a partir daí, junto aos demais conhecimentos já existentes, será possível realizar tão sonhada reforma. (205)

Educação para a mediocridade

São inúmeros os fatores que afetam a clareza das percepções individuais. Além disso, diferentes pessoas possuem em graus também diferentes capacidade de comunicar e formar opinião. Portanto, a clareza coletiva sobre um assunto específico é uma espécie de “média” de percepções. A presunção de que todos entendem do assunto tratado e que caso não se manifestem é somente pelo fato de não quererem ter sido responsável por muitos fracassos de ações que a princípio pareciam destinadas ao sucesso. (205-206)

A existência de pessoas muito inteligentes em determinada comunidade não significa que a coletividade seja, quando considerada como um todo, capaz de entender assuntos específicos. As pessoas inteligentes assim o são em qualquer lugar, mas uma cultura nem sempre é coletivamente inteligente, ou pelo menos nem sempre o é em relação a todas as questões nem a todas as ocasiões de seu desenvolvimento.

A crença de que podemos entender todos os temas com a mesma eficácia é resultante do modelo mental linear. Essa é a percepção que produz o senso comum, tão padronizado como os processos de linha de montagem.

Tanto o estado de consciência do indivíduo quanto da coletividade é alterável diante da diversidade das circunstâncias do cotidiano. Para a maioria, a precária compreensão do que acontece parece ser a regra. E é justamente nessa situação que surge as mais diversas formas de autoritarismo. Sabe-se também que a base para o pensamento autoritário é a palavra instituída, o que levou ao mito de que ela é suficiente para atender a todas as necessidades de expressão do dia-a-dia.

A palavra institucionalizada, que representa a apropriação da verdade é o principal instrumento do pensamento linear, se tornou a mais poderosa ferramenta das ideologias. Para que as mentes submissas ao domínio ideológico, nada existe até que a palavra “oficial” seja proferida, esta que só pode partir de um agente “autorizado”.

O preço que se paga por tudo isso é a mediocridade. É a mediocridade aquela que se alimenta do padronizado, do fácil, do imediato, do repetitivo, do “autorizado”. A ela convém um conhecimento parcial e mínimo. O homem medíocre se torna cada vez mais previsível, e por isso vai, aos poucos, perdendo a sua liberdade. A massa foi induzida a desejar em bloco, fazendo com que as pessoas deixem cada vez mais de existir, e foram progressivamente

transformadas em clientes-consumidores. A satisfação do cliente nada mais é do que a perpetuação da mediocridade.

O caso da educação mostra como a falta de clareza coletiva pode conduzir a enormes erros. Em muitos países, por exemplo, a educação, o seu acesso e resultados são avaliados quase que inteiramente pelo ângulo quantitativo/econômico/financeiro: quanto mais dinheiro se tiver para gastar, maior será a educação que poderá ser alcançada por essa pessoa. (208)

Para muitas pessoas, infelizmente, pensar soa como sinônimo de algo que dá trabalho e que consome tempo. Por consequência, tudo aquilo que se refere ao pensamento é tido como difícil e tedioso. A palavra escrita, por sua vez, se tornou um dos principais vilões desse modo de ver as coisas.

O atual modelo de pensamento dominante conduziu a construção de um mundo que, entre diversas outras coisas, considera o lucro financeiro um fim em si mesmo, ainda que se admite que no futuro países cada vez mais ricos conviverão com cada vez mais desigualdades sociais.

Não é de se estranhar, dessa forma, que a maioria das pessoas se sinta distante de tudo o que acontece no mundo, e que este seja visto como uma espécie que filme que se desenvolve somente na tela da televisão. É extremamente complicado lidar com essa alienação, e também praticamente impossível sequer atenuar muitos de seus efeitos não desejados, enquanto a formatação das nossas mentes for predominantemente formada pelo modelo mental linear. (210)

6. A dinâmica da reintegração

Este capítulo tratará das medidas que podem ser tomadas para a aprendizagem e a aplicação do pensamento complexo, tanto no plano individual quanto coletivo. No primeiro caso o objetivo é ao autoconhecimento, que implica posturas de autopercepção. Já no segundo caso trata-se de medidas basicamente educacionais, destinadas a religação dos saberes.

Os dois universos

O modelo de pensamento que herdamos dos gregos propõe a existência de uma realidade objetiva e universal, que seria o objetivo da nossa percepção. Nós (o sujeito), observaríamos a realidade (objeto), e com isso obteríamos percepções que determinariam o

nosso comportamento. Não existiria nenhuma percepção confiável senão a objetiva.

Teilhard de Chardin afirma que o objetivo da evolução é chegar a olhos ainda mais perfeitos, num mundo em que há sempre algo mais a ser visto. Ou seja, mudança é mudança de maneira de ver, alteração de pontos de vista, do modo como construímos o mundo. Mas isso não significa dizer que elas aparecem de uma hora pra outra. Significa que, ao mudar o modo de olhar, passamos a nos dar conta de coisas ou situações sempre estiveram à nossa frente, mas que não éramos capazes de perceber, porque estávamos agarrados a um determinado padrão mental. A mudança do modo de olhar começa pela autoconsciência, ou atenção da atenção.

A base do desenvolvimento da complementaridade entre os modelos mentais linear e sistêmico corresponde ao aperfeiçoamento da *atenção da atenção*. É por meio dela que aprendemos a lidar com a divisão sujeito-objeto. Inicialmente devem ser observados dois princípios de base: primeiro, para que mudemos, é indispensável um grau mínimo de autoconhecimento; segundo, este não pode existir sem a interação com os outros, ou seja, sem a criação de espaços de convivência e aprendizagem, nos quais as pessoas possam legitimar humanamente umas as outras. Se esses requisitos não forem preenchidos, a prática do pensamento complexo ficará reduzida à mera retórica.

Viver, aprender, mudar

Tudo o que podemos falar a respeito do mundo em que vivemos é a maneira como o percebemos. A verdade e o fato são a mesma coisa. O *verum* corresponde ao *factum*. Só pode ser conhecido fora de qualquer dúvida aquilo que o próprio sujeito do conhecimento faz ou cria. O que podemos fazer é descrever o mundo como o percebemos, não como ele é em sua exterioridade.

Podemos observar na filosofia de Vico o interesse do autor em encontrar novos modos de conhecimento. Para Maturana conhecer é uma ação que permite ao ser vivo continuar a sua existência, num mundo que ele faz emergir ao percebê-lo - um mundo que ele cria.

O mundo que percebemos é determinado por nossa estrutura. Ao observarmos os fenômenos da maneira que eles se apresentam à nossa experiência imediata, o que estamos fazendo na verdade é reconhecer que os perceberemos segundo a nossa estrutura, não segundo a estrutura deles. O que aprendemos é o que nossa estrutura nos permite aprender. Como ela muda continuamente, não podemos afirmar que aprendemos sempre da mesma forma. Com isso pode-se concluir que, se nossa estrutura tiver condicionada por preconceitos, crenças, dogmas,

ideologias, etc., dificilmente aprenderemos algo de realmente novo: só conseguiremos aprender o "novo" que é permitido e sancionado por esses sistemas de crenças. E o caminho mais adequado para descobrir o novo é a inocência, a abertura da razão.

As percepções provocam mudanças estruturais, é algumas fazem isso com tal intensidade que acabam destruindo a organização do sistema percebido. As possibilidades de um sistema vivo manter a sua organização, dependem de sua capacidade de manter as modificações estruturais que experimenta dentro de uma certa faixa - os chamados limites normais.

As interações realmente importantes são as que produzem modificações significativas, isto é, as que são transformadoras.

O modo de funcionamento de um sistema num dado momento não é o único meio de conhecê-lo bem, é muito importante saber quais foram as mudanças estruturais que ele sofreu ao longo do tempo.

Para que haja uma mudança estrutural num sistema é preciso que ocorram, ao mesmo tempo, modificações em seu ambiente. As alterações de estrutura resultam sempre das interações entre os sistemas, fenômenos que, como vimos, Maturana chama de acoplamento estrutural.

A busca da “verdade”

Para a lógica do patriarcado a verdade é um domínio fixo, um ponto que está fora do homem que a procura. Depois de alcançada, ela deve ser apropriada e incorporada a um "patrimônio". Quem possui este, está em vantagem em relação aqueles que não tem. Partindo desse ponto de vista, o observador é separado do que se observa. É com base nisso que conceitual a verdade adotada pela nossa cultura.

Pelo fato de ser humano, o observador pode enganar-se, mas a verdade não: ela não pode estar sujeita à falibilidade de quem a busca. Por isso é preciso que seja externa, fixa e distante dos que a procuram. Para o pensamento lógico-linear, só é verdadeiro o que é "objetivo".

Um observador que fosse verdadeiro, seria inadmissível do ponto de vista dessa lógica, porque para ela não existem verdades individuais e sim uma verdade externa, absoluta, válida para todos. O que existem são duas situações bem pouco racionais: o homem padronizado e a verdade universal. Para preservá-las é preciso conservar o engano de que o mundo pode ser observado de modo objetivo.

Mantido esse modelo, quem alcança a verdade e dela se apropria passa a "ter razão". "Ter razão e "estar certo" são consideradas as únicas posições válidas em relação a "não ter razão" e "estar errado". A razão é associada ao bem e à inteligência. A não-razão é ligada ao mal e à estupidez.

O modelo linear tem como certo que a verdade jamais mudará de lugar e de essência. Com base nisso, se a verdade não muda, os que dela se aproximam também não precisam fazê-lo, ou se o fizerem será apenas para ajustar-se a seus ditames.

A verdade é considerada irrecorrível: estamos com ela ou sem ela. Se é a mesma para todo mundo, todos devem ser os mesmo para ela, pouco importando que isso tenda a eliminar a diversidade, que é a própria essência da nossa condição de seres vivos. Por ser inquestionável, a verdade exclui os que a contestam, exclui os que não aceitam o modelo mental linear como a única forma de ver e entender o mundo.

Olhar e participar

Quando falamos que o observador não está separado da coisa observada, o que se quer dizer é que ele parte integrante do que observa, faz corpo com aquilo que experiencia. Participar não significa perder a individualidade, pois um sistema pode ser individualizado, mas não recortado da totalidade de que se faz parte. Quando dois ou mais sistemas interagem, isso mostra que um faz parte do meio ambiente do outro. Observador e observado são interativos e inseparáveis, o que significa que a relação entre eles é transacional. Através disso é que se pode questionar o conceito de verdade atualmente predominante.

Se o observador é visto separado do observado, o que ele observa parece vir do nada, é algo que não precisa de explicação.

Temos dificuldade de ver que nossas percepções são muitas vezes ilusórias porque nossa pretensa separação do que observamos faz com que não façamos questionamentos sobre ela. O que fazemos é considerá-las invariavelmente verdadeiras, porque estamos convencidos de que elas são a verdade do mundo reveladas pela nossa observação.

Assim, quando chegamos à compreensão de que observador e observado não são separados as coisas mudam. Com isso, fica claro que aquilo que o observador observa fora dele está de fato lá, e surge também em sua estrutura interna, como fenômeno percebido. O que vemos nessa estrutura é uma construção e não uma representação do percebido. Além disso, como existe a possibilidade de o observador estar enganado, suas percepções podem ser relativizadas, colocadas em dúvida. E como agora há base para questioná-las, elas perdem o

status de revelação.

A cibernética de segunda ordem é o ramo dos estudos cibernéticos que se centra na relação entre os sistemas-observadores e os sistemas observados.

Podemos separar o presente do passado e do futuro, e também estabelecer a divisão entre passado e futuro, mas é impossível separar o presente dele próprio. O presente é unificado, global, não pode ser dividido pelo pensamento.

O ego não sabe conviver com o aqui-e-agora, ou seja, não sabe lidar com a totalidade e por isso tenta dividi-la.

Mudança de sistema de pensamento

Ao falar em mudança, existem os que acreditam em mudança por evolução e os que acreditam que os *insights* podem provocar transformações súbitas. Partindo dessa ordem de ideias, trabalha-se com métodos cuja finalidade é quebrar a continuidade do pensamento linear, para com isso provocar o maior número possível de *insights*. Trazer a mente para o aqui-e-agora é outra abordagem. Tudo se centraliza em diminuir a influência do ego no processo.

As tentativas de interpelar o ego ou diminuir seu poder equivalem ao questionamento do raciocínio linear.

Quando colocado à prova, o ego adota o habitual modelo reativo-competitivo. Essa reação quase sempre se traduz pelo encastelamento, seguido de tentativas de encontrar pontos fracos no discurso questionador, com a finalidade de responder ao que interpreta como um ataque. O encastelamento segue o tradicional padrão excludente, no qual predomina a atitude de negar-se a negociar, ou sequer a conversar, a não ser em seus próprios termos.

Pais e filhos

É indispensável pensar de modo diferente, é necessário pensar de uma forma nova, inocente. Pensar com a cabeça de uma criança, por exemplo. É preciso adotar uma atitude mental como essa, visando um quadro de referência útil para o aprofundamento da compreensão da condição humana.

No ideal da cultura matrística, a criança seria o pai do homem. Já na cultura patriarcal o homem é que é o pai da criança. Por estar com mente cristalizada, praticamente incapacitada para descobrir o novo, ele quer impor o antigo a seus filhos.

A grande competição é a que se trava contra a inocência. O adulto quer ser o pai da criança, quer que ela perpetue os seus valores, porém isso pode levar à repressão e à negação. Para se adaptar ao mundo secular em que vivemos, a criança precisa abdicar de seu êxtase. Ao ter que abrir mão do deslumbramento, da capacidade de admirar-se, ela perde o seu talento natural para ver o cotidiano de um modo novo, fica privada da oportunidade de continuar inocente. Enfim, perde justo aquilo que mais precisaria manter para mostrar aos adultos. Estes, sem ter quem lhes ensine como quebrar a linearidade de seu sistema de pensamento, não se dão conta de como é limitada e obscurantista a sua visão de mundo.

O trabalho do raciocínio linear é comparável ao de um maestro, que rege uma orquestra que toca mas não interpreta. Não há emoção em sua música, porque os instrumentistas só estão preocupados em tocar certo, o que é diferente de tocar certo e com alma. Porém, no fim tudo se ajusta, porque esse tipo de música não é arte e sim fundo, que o que se poderia esperar de um maestro que fingi reger quando apenas comanda.

Essa espécie de comando sempre quis "fabricar" o homem ideal. Pelo próprio fato de ser dirigista, ele tem como ponto de partida um engano: o de imaginar que o homem ideal não é aquele que pensa por si mesmo, e escolhe como quer ser, e sim um indivíduo caudatário, dirigido por um pensamento que lhe é anterior.

Percepção: as realidades do mundo

Para o ego é muito difícil admitir que não vê tudo e não sabe tudo. Quanto maior a dimensão egoica, menor a capacidade de entendimento da realidade, e maior a vulnerabilidade à moldagem do pensamento. O ego precisa do julgado porque não é capaz de experienciar sem preconceitos o que é dado. Tudo o que visa é a apropriação, o controle e a quantificação. O ego necessita do julgamento porque vive no passado e só pode "funcionar" em termos de premissas.

Objetivo, na verdade, é aquilo que alguém diz que é objetivo. Em última análise, é algo que vem da visão de mundo desse alguém, ou então do consenso resultante da visão de várias pessoas, que é o resultado do diálogo entre subjetividades. Por fim, tudo isso é condensado numa série de sínteses conceituais. E ao passar por esse labirinto, o subjetivo acaba se "transformando" em "objetivo", e como tal é apresentado e aceito.

O que se põe em prática no nosso cotidiano com o nome de ações racionais são atos nascidos dos nossos desejos, ou seja, das nossas emoções. A linguagem "racional" com que descrevemos essas ações vem *a posteriori*. Não somos capazes de expressar as emoções no

momento em que elas surgem. A linguagem verbal como expressão de percepções refere-se sempre ao passado, porque não tem a atualidade nem a força necessária para exprimir de modo adequado os sentimentos e as emoções, no momento em que se manifestam.

Todos nós temos problemas de percepção, na medida em que não estamos suficientemente despertos para exercê-la em sua plenitude. Para isso, seria preciso desenvolver uma atenção profunda e global, que não faz parte do cotidiano da maioria das pessoas.

O universo da atenção

Atenção profunda, na prática, é o mesmo que auto-atenção. Significa que estamos atentos não apenas às ações e funções mecânicas do corpo, mas também aos nossos sentimentos e emoções. Sem desenvolver essa capacidade, teremos dificuldade de aprender seja o que for. A atenção à nossa própria dinâmica corpo-mente é uma atitude fundamental, que proporciona maior sensibilidade, aumento da capacidade de aprender e diminuição de resistência à mudança.

Se nossa atenção parece voltada apenas ao que ocorre fora de nós, ficaremos divididos, e dessa maneira o que aprendermos será também fracionado. Se nossa atenção for global, porém, aprenderemos que as coisas acontecem de modo simultâneo, e não em sequência linear.

O pensamento linear muitas vezes transforma a reflexão em uma experiência árida, complicada, que em geral, não nos proporciona a tranquilidade que buscamos. É uma ação em que não confiamos nos resultados, pois a experiência nos ensinou que eles são invariavelmente os mesmos.

Percepção e linguagem

A linguagem humana ao mesmo tempo que nos dá acesso ao mundo dos conceitos, acaba nos tornando vítimas das propagandas e das ideologias. Porém não podemos dispensar as palavras, porque são elas que nos tornam humanos. São elas que nos permitem formar redes de conversação. É por meio da linguagem que damos uma ordenação simbólica ao mundo, é também por meio dela que nos auto-enganamos e ludibriamos os nosso semelhantes.

Bateson frisa que entre uma percepção e a comunicação que dela fazemos existe uma

transformação importante. Entre o que se conta e a realidade contada há uma codificação, que só é possível depois do estabelecimento de uma teia de metalinguagem, da qual surgem as palavras a serem aplicadas às coisas e aos eventos. É por isso que, em certos casos, as palavras tendem a nos passar um sentimento ilusório de compreensão completa dos fatos.

Nossa linguagem verbal consta de imagens criadas a partir de experiências prévias, que por sua vez foram discutidas por meio de palavras criadas antes delas.

Quando imaginamos poder explicar tudo apenas com palavras presumimos que as coisas e eventos podem ser adequadamente expressos por meio de frases, em que o sujeito determina o objeto. Ao fazer de conta de que as percepções que não conseguimos descrever não existem, muitas mudanças passam como se não tivessem ocorrido, que é o que muitas vezes desejamos. Aliás, essa é a função da palavra como meio de expressão da verdade apropriada pelo pensamento linear da cultura do patriarcado.

O componente alucinatório e as distorções cognitivas

A verdade institucionalizada precisa ser relatada nos termos da formatação mental de quem a conta e de quem a ouve. Isso significa que necessita satisfazer aos pressupostos do chamado senso comum, que por sua vez alimenta o realismo ingênuo e é por ele alimentado. Mas essa verdade não constitui o resultado da apreciação dos fenômenos, tal como eles se apresentam à nossa experiência imediata. Não se refere a fatos, e sim a juízos de valor.

A lógica linear surge como uma tentativa de "matematizar" as percepções e as descrições que delas se fazem.

Quando percebemos o mundo segundo nossa estrutura, num primeiro momento não é possível determinar se uma dada percepção é real ou corresponde a uma alucinação. Para Morin, nossas percepções contêm sempre um componente alucinatório, cuja intensidade varia de acordo com uma série de fatores. Se é correto que percebemos o mundo segundo nossa estrutura, as emoções são o resultado do modo como vemos as coisas, ou seja, nossa estrutura é que determina essas emoções. Sendo assim, nos casos em que a percepção estiver distorcida, as emoções também estarão. Convém lembrar que essas distorções surgem de maneira muito clara em pessoas deprimidas, mas manifestam-se em todos nós, em graus variáveis e a depender das circunstâncias.

As distorções cognitivas então estreitamente ligadas à unidimensionalização da nossa mente pelo modelo mental linear. Esse condicionamento nos tornou especialmente susceptíveis a essas distorções, susceptibilidade essa que varia na razão direta do quanto nos

deixamos determinar por ele.

Podemos definir as distorções cognitivas em:

- *Pensamento tudo ou nada* - Essa distorção está relacionada ao perfeccionismo e ao narcisismo, e dessa maneira nos leva a viver sempre com medo de errar ou falhar. Na prática, ela representa uma negação total do meio-termo.
- *Supergeneralidade* - Nessa caso, concluímos que se algo de mal nos acontecer continuará acontecendo sempre, não importa o que façamos para reverter a tendência.
- *Filtro mental* - Entre os vários detalhes que compõe uma determinada circunstância, escolhemos sempre o que nos parecer mais negativo, e a partir daí nos agarraremos exclusivamente a ele, como se a situação inteira pudesse ser definida a partir desse ângulo.
- *Desqualificação do positivo* - Trata-se de querer transformar qualquer experiência positiva, ou mesmo neutra, em algo negativo.
- *Saltar às conclusões* - Nesse caso, pulamos de imediato para uma determinada conclusão e nos apegamos a ela de modo incondicional. Aqui há duas manifestações principais. A primeira consiste em "ler a mente" das pessoas, tirando conclusões sobre o que imaginamos que elas estão pensando. A segunda consiste em "prever" que tudo de mau nos acontecerá no futuro.
- *Exagero e diminuição* - Essa distorção consiste em olharmos para os nossos erros, medos ou pontos fracos com uma lente de aumento, e fazer o contrário com com nossos acertos, seguranças e pontos fortes.
- *Argumentação emocional* - Ocorre quando usamos nossas emoções como "provas irrefutáveis" da verdade. Estamos convencidos de que nossos sentimentos são a tradução fiel da realidade. Por exemplo: "Se me sinto infeliz é porque o sou. Logo, de nada adianta buscar a felicidade".
- *"Deverias"* - Trata-se da autocobrança constante: devo fazer isso, não devo fazer aquilo.
- *Rotulagem e má rotulagem* - Criamos uma auto-imagem negativa com base em nossos próprios erros e falhas. Estamos sempre nos rotulando com qualificativos de negação.
- *Personalização* - Assumimos sempre a responsabilidade ou a culpa por qualquer coisa de má que aconteça, mesmo sem nenhum fundamento para isso.

Essas distorções não são mutuamente excludentes. Geralmente, somos atingidos por uma combinação de todas elas, uma ou outra surgindo com maior destaque a depender das

circunstâncias. O pensamento linear está na base de todas as distorções cognitivas.

Os sistemas de transformação

As evidências de que o modelo mental que hoje vivemos é hegemônico por motivos culturais e não biológicos, abrem novos horizontes sobre as possibilidades de modificá-lo. Para que seja possível buscar essa transformação é preciso que aprendamos a ver o mundo de outra maneira, o que inclui aprender a lidar com o imaginário. Para isso, são indispensáveis uma atenção e uma profundidade que o pensamento linear não pode nos proporcionar. O principal objetivo é chegar a uma nova forma de tratar os nosso semelhantes, e para tanto são fundamentais o autoconhecimento, a auto-aceitação e a autocrítica permanente.

À procura dos fenômenos

Existem três grandes linhas de busca do autoconhecimento. A primeira consiste em utilizar a razão abstrata, para elaborar os produtos da introspecção. A segunda linha de busca foi inaugurada pela psicanálise, e se dirige ao inconsciente, no qual estão as dimensões simbólicas e mitológicas da psique humana, expressas por meio dos sonhos e outros fenômenos. A terceira linha de autoconhecimento seria, segundo Francisco Varela, o que o conjunto dá o nome de tradições de ensino. Ela pressupõe a utilização de uma pragmática não ocidental e se volta fundamentalmente para as práticas meditativas. De um modo geral, pode-se dizer que essas abordagens se propõem a: a) questionar o papel do ego como pretense centro da vida psíquica; b) dissolver a dualidade (promover a transacionalidade sujeito-objeto); c) centrar a cognição na pessoa que a experiencia. Em sua base está o pressuposto de que a consciência é encarnada, e está atenta à experiência cotidiana.

As práticas meditativas se centram no sujeito, sem separá-lo do objeto. A fenomenologia de Husserl é uma reflexão racional e abstrata, que se propõe a lidar com uma única instância da mente, e não com o ser humano total.

A fenomenologia husserliana começa com a noção de intencionalidade e propõe que os estados mentais se referem necessariamente a algo, a um conteúdo. A ideia de examinar a estrutura da experiência pondo o mundo à parte continua válida, desde que não implique a divisão corpo-mente, e permita a realização de práticas baseadas nas seguintes premissas:

a) os seres vivos são individualizáveis, mas não separáveis do mundo em que vivem;

- b) nossa percepção é a de seres totais, encarnados. Logo, não pode ser puramente abstrata;
- c) na qualidade de seres vivos, estamos em constante relação com o ambiente, e essa relação implica uma troca contínua de experiências;
- d) logo, o autoconhecimento é também um conhecimento do mundo.

O reducionismo é como o ego: indispensável mas questionável. Diante de um determinado fenômeno, nós o percebemos e reduzimos o que foi percebido à nossa estrutura de compreensão. Mas sabemos que reduzir algo ao nosso conhecimento é o mesmo que reduzi-lo à nossa ignorância. Por isso é necessário a re ampliação, o problema é que nem sempre é fácil voltar a ampliar depois da redução inicial. Isso se dá porque tendemos a reduzir nossas compreensões às dimensões do nosso ego que teme a re ampliação porque ela o põe a prova.

A arte de esperar

Segundo Claude Shannon, os fatos que acontecem desordenadamente e sem significado constituem ruídos de comunicação. Contudo, o que para nós é ruído para outros pode ser informações e vice-versa. Além disso, o que num primeiro instante percebemos como ruído pode vir a ser percebido como informação, algum tempo depois. Esse intervalo é o que se chama de tempo de defasagem, ou tempo de espera dos sistemas. A incapacidade de repeti-lo é um dos fatores que contribui para o estreitamento e o obscurecimento do nosso horizonte mental.

Os processos vitais não são imediatos, como quer ser a ansiedade da nossa cultura. Existe um tempo de evolução que pode durar uma fração de segundo ou ser muito longo. Como é difícil para nós lidar com essa imprevisibilidade, tendemos a não respeitar a dinâmica da natureza. A falta de respeito ao tempo de espera dos sistemas dificulta a autoprodução, impede que aprendamos algo de novo.

É claro que diminuir a prevalência do automatismo concordo-discordo não implica concordar com tudo nem discordar de tudo. O que é importante é não concordar ou discordar *logo de saída*. Precisamos aprender a transformar o reducionismo em aliado, tirando-o da condição de armadilha, que tende a nos aprisionar nos limites de nossa visão de mundo.

O automatismo concordo-discordo é uma forma de estreitamento mental tão perigosa quanto o duplo vínculo. Discordar sempre é uma disfunção do pensamento crítico.

A reflexão inclusiva é um dos meios de tentar diminuir a dominância do automatismo

concordo-discordo. Um de seus pontos básicos consiste em prestar especial atenção àquilo com que menos concordamos, e aproximarmo-nos do que mais nos desafia.

É evidente que a capacidade de ouvir sem discordar nem concordar de imediato, pode ser aprendida, embora não seja um processo fácil. Os fatos que se reproduzem com regularidade são redundâncias. Já os eventos portadores de novidades, são informações. Ao acionar o automatismo concordo-discordo, visamos reduzir a informação a um referencial conhecido, isto é, tiramos dela o efeito surpresa, a aleatoriedade.

A sociedade nos cobra o uso sistemático do automatismo concordo-discordo. A atitude de espera, de observação inicial não-julgadora, é vista como estranha, ofensiva, algo a ser combatido, um verdadeiro perigo.

A auto-observação, significa que o observador se inclui no que observa, primeira providência no sentido de ao menos atenuar a separação sujeito-objeto.

A reflexão inclusiva é um processo de pensamento que se propõe a auxiliar a ampliação da razão. Pode-se também dizer que a reflexão inclusiva busca mais a gnose (a sabedoria) do que a diagnose (o conhecimento), pois está é a tentativa de definir, em casos extremos, rotular os fenômenos, como se isso pudesse explicá-los em sua profundidade, ou então substituir a sua naturalidade e originalidade. Diagnosticar é bem mais rápido, e exige menos esforço do que experienciar.

Por fim, é preciso ter sempre presente que as sugestões para a reflexão inclusiva não constituem receitas, nem muito menos diretivas.

Daí se segue que a reflexão inclusiva está também muito longe de propor-se a resolver, mesmo em parte, o problema do conhecimento. Seu objetivo é apenas ajudar a suavizar o rigor cartesiano da proposta de Husserl, cuja pretensão transcendente acabou por distanciá-la da concretude do cotidiano. Ao tentar aproximar as consciências lógica e poética, a reflexão inclusiva quer ser uma forma de trazer para o cotidiano a atitude fenomenológica, e ajudar a pensar a complexidade.

7. A dinâmica da reintegração (II)

Este capítulo dá sequência às considerações sobre reintegração iniciadas no anterior.

A auto-observação

Se a vida é um processo de aprendizagem, quem viveu mais aprendeu mais. Na visão

do autor, viver mais significa viver eticamente. E uma vida ética é aquela que inclui tentativas constantes de reconhecimento da legitimidade humana do outro.

É clássica a noção de que uma criatura só pode ser chamada de consciente quando dá conta de si própria, isto é, quando se vê como indivíduo. Para isso, precisa ser capaz de perceber e acompanhar seus estados mentais. Segundo essa definição, a consciência não teria mistérios para si própria, porque poderia se auto-observar sem nenhum obstáculo.

Essa noção era aceita até Freud. Depois dele, tornou-se claro que a mente não é transparente para si mesma, porque a dimensão inconsciente da psique não é perceptível pela consciência.

A abordagem introspectiva continua a ser um instrumento razoável de autopercepção, embora esteja longe de ser o único. Seu aperfeiçoamento pode levar à identificação e ao entendimento de muitos dos mecanismos pelos quais a sociedade formata a mente dos indivíduos e os aliena.

Atenção passiva: a fenomenologia da inocência

A descoberta fundamental de Krishnamurti foi perceber que não nos damos conta do que realmente acontece porque não temos consciência de nossos processos de pensamento. Em geral, nos damos conta *do que* estamos pensando, mas pouco ou nada sabemos sobre *como* estamos pensando num determinado momento.

É por meio da auto-observação que conhecemos a estrutura e a função desses processos, mais especificamente do método que ele denomina de atenção passiva, que consiste em refletir e, ao mesmo tempo, estar atento ao que acontece enquanto se reflete. Mas é importante fazê-lo sem crítica, sem tentar dar de imediato "um sentido" ao que se percebe.

É fundamental não ceder à resistência inicial ao contato com ideias novas. Muito pelo contrário, é necessário deixá-las vir e examiná-las em seus mínimos detalhes.

A atitude de evitar a intervenção precoce da crítica e da vontade permitirá que o pensamento se auto-regule.

O método de reflexão, agora, é acrescido da ênfase na necessidade de levar os resultados do processo reflexivo à validação pelo diálogo, com pessoas de pontos de vista os mais diversificados possíveis.

Na reflexão inclusiva há um princípio simples de enunciar, mas extremamente difícil de pôr em prática: dar o máximo de atenção às ideias com as quais menos concordamos, ou examinar com cuidado as coisas, os temas e as situações de que menos gostamos. Essa

proposta tem duas finalidades. Uma é aprender a evitar dizer "concordo" ou "discordo" logo de saída, e a outra é manter a reflexão sempre dentro do contexto da ética da alteridade.

Por outro lado, a reflexão demasiadamente prolongada tem muito de racionalização. Chegar a um ponto de equilíbrio entre essas duas atitudes é a proposta da reflexão inclusiva, cujo primeiro passo é o auto-exame por meio da atenção passiva, e cuja segunda fase é a validação das conclusões por meio da conversação.

O lugar da razão

Os seres humanos não definíveis exclusivamente pelo seu lado racional. Chamamos de racional ao emocional que foi trabalhado e está supostamente sob controle.

A semiótica da cultura, trata-se de uma teoria elaborada pelo semioticista tcheco Ivan Bistrina, que propõe que os fenômenos relativos à transmissão e retenção de informações pelo seres humanos podem ser concebidos em três níveis: o hipolingual, o lingual e o hiperlingual.

O nível hipolingual acontece no organismo. Como todo sistema vivo, o corpo humano mantém a sua organização por meio da troca de informações entre as suas diferentes estruturas e o exterior.

No nível lingual as informações são trocadas entre organismos diferentes. São, pois, extra-individuais. Trata-se de processos complexos de comunicação, que ocorrem entre organismos que se agruparam em sociedades, e que por isso são ao mesmo tempo autoprodutores e interdependentes.

O terceiro nível de comunicação é o hiperlingual. Aqui o comando é exercido pela realidade do imaginário, nos planos da sociedade, da história e da cultura.

Morin sustenta que a ciência, a razão e a ideia de progresso constituem, na verdade, figuras abstratas de uma grande mitologia. As culturas humanas elaboram os mitos, os símbolos e as ideias, que são dimensões fundamentais para a nossa vida.

Essa mesma dinâmica é abordada por Dietmar Kamper, para ele, o mundo se compõe de três planos, o real, o simbólico e o imaginário. O real corresponde à concretude da natureza, e o experienciamos mediante nossa dimensão corporal, cujo o nível de comunicação é o hipolingual. O simbólico é trabalhado pelas linguagens inter-individuais. O imaginário, por fim, é vivenciado por meio da hiperlinguagem dos sonhos e da fantasia.

Entre essas três instâncias há interações e retroações incessantes, que permitem atitudes que nos capacitam a lidar com a complexidade dos fenômenos naturais.

Pode-se descrever uma percepção com palavras, mas isso só pode ser feito *a*

posteriori, porque a experiência inicial é unitária, corresponde à vivência do aqui-e-agora e jamais poderá ser expressa de modo adequado por meios apenas verbais.

As lembranças de nossas visões estão sempre acompanhadas de sentimentos, que se traduzem por sensações corporais, às quais em geral não damos atenção, porque estamos muito ocupados em escutar as palavras que contam os fatos.

Entretanto, se prestarmos atenção às nossas reações globais, poderemos então desenvolver estratégias de como lidar com essa experiência no aqui-e-agora.

No caso da auto-observação, as percepções são sintéticas, instantâneas, e dispensam pensamentos e discursos. Essa característica aumenta as possibilidades de se chegar a novos pontos de vista, que serão depois desenvolvidos pela reflexão.

O *insight*, ou compreensão interna súbita, é uma quebra da linearidade do pensamento racional. É uma cunha que, como um relâmpago, introduz-se no fluxo do raciocínio lógico. Bohm diz que o *insights* atuam no processo do pensamento, não em seu resultado. É importante questionar o pensamento, tentar modificá-lo. Se mudarmos o sistema de pensamento mudarão os resultados, e assim questões que pareciam insolúveis podem passar a não sê-lo.

Se mudam as percepções, mudarão as emoções. Esse é um dos objetivos do pensamento complexo: aceitar a diversidade e aprender com ela.

O começo da auto-observação

A auto-observação está ligada à nossa capacidade de perceber a estrutura do nosso próprio pensamento. A auto-observação significa que devemos nos observar como construtores. A ordem está implícita na desordem, e só pode ser entendida se a assimilarmos e aprendermos a conviver com ela. Porém, para isso, é preciso acrescentar o contato com as dinâmicas naturais da vida.

Ao começar a auto-observação pelo questionamento egoico, é necessário lembrar que sem a ajuda do outro não existe auto-observação.

A auto-observação e o ego

A dimensão egoica é apenas uma parte do ser humano. Na qualidade de fração, o ego só pode pensar parcialmente e não em termos sistêmicos. A fração egoica é uma necessidade social que a nossa cultura transformou em prioridade. As sociedades moldam o ego segundo

as necessidades das instituições e não segundo as das pessoas.

O pensamento complexo facilita a auto-observação, que facilita o auto-conhecimento, que facilita o pensamento complexo.

É essencial que estejamos atentos de modo constante mas não forçado, que é diferente de estarmos concentrados. A atenção precisa ser difusa e fluir sem esforço. Para tanto, é necessário que acompanhem os nossos pensamentos e sentimentos sem tentar manipulá-los, sem desvirtuar a sua dinâmica. Nenhum detalhe pode ficar de fora, em especial os que nos parecerem mais desafiadores.

A consciência encarnada

O principal âmbito da auto-observação é a consciência encarnada. Nossa capacidade de prestar atenção ao que nos é externo baseia-se na nossa habilidade de estar atentos a nós próprios.

Observar é observar os fenômenos em si, tal como se apresentam à nossa experiência. Observar comparando o percebido com referenciais prévios não é observar, é julgar.

No processo de auto-observação, é fundamental não deixar de lado o que sentimos no plano corporal. É sempre importante confrontar o que se pensa com o que se sente, sem buscar nexos causais imediatos.

Com muita frequência, ao nos auto-observar surpreendemo-nos tentando controlar nosso pensamento, o que tende a bloqueá-lo e a confundi-lo. Em geral, a experiência da auto-observação é suficiente para que o pensamento desvele a si próprio.

Apegos, dependências e repetição

Uma forma de avaliar nossa atitude diante das possibilidades de mudança é observar o grau de repetitividade que atribuímos aos eventos de nossas vidas. É bem provável que o que vemos como repetitividade seja uma expressão de nossa incapacidade de perceber o novo e, por conseguinte, de mudar.

Um dos sinais mais claros de que estamos nos repetindo é nossa tendência a nos subordinarmos a dependências e apegos. Nesse contexto, a auto-observação é importante e pode levar a resultados significativos.

O equívoco da “auto-ajuda”

A separação das disciplinas científicas e a super-especialização são fenômenos típicos da era industrial. Existem contribuições que vêm de fora, como por exemplo, os conselhos. Eles constituem talvez a forma de ajuda mais comum no dia-a-dia. Independentemente de seguirmos ou não os conselhos, o que importa é a atitude de pedir ajuda. Ela nos mantém conscientes de que não estamos sozinhos no mundo, e que a existência dos outros determina a nossa. Na ótica da nossa cultura, porém, pedir ajuda é sinal de fraqueza. Aprendemos que o mundo requer homens fortes: muita razão e pouca ou nenhuma emoção, ou seja, muita linearidade e pouca complexidade. Reprimir o que sente é quase um imperativo.

Em todo o caso, em pelo menos um aspecto a atitude de buscar auxílio é importante: para deixar claro o quanto dependemos dos outros - dessas mesmas pessoas que tratamos como coisas ou adversários a eliminar.

Se não existe ser humano isolado, não pode existir também o que se chama de "auto-ajuda". Toda relação de auxílio - pedida ou não - começa nesse ponto. Existe um potencial em todos nós. Se o desenvolvermos, estaremos nos preparando para ajudar os outros e deles receber auxílio. Nenhum homem realiza suas potencialidades sem que os benefícios dessa realização se estendam aos seus semelhantes, de modo direto ou indireto.

A solidariedade é o modo fundamental de desenvolvimento do potencial humano.

Em geral, diante de situações difíceis costumamos apelar para dois tipos de auxílio: a) o diálogo com amigos e familiares. Aqui predominam a argumentação racional, o reassseguramento e as tentativas de persuasão; b) a psicoterapia em suas várias formas. Mas há uma terceira opção, que surge quando a primeira já não é eficaz e a segunda ainda não é necessária. Consiste em criar um âmbito no qual seja mais fácil reconhecer as vulnerabilidades e aprender a lidar com elas. Isso produz uma diminuição do autoritarismo e um aumento das possibilidades de ajuda mútua.

8. A dinâmica da reintegração (III)

Tolerância e compaixão

O autor expõe duas premissas: a primeira deriva do idealismo de Hegel e diz que no fim da evolução da história desapareceriam a propriedade privada, as classes sociais e o Estado, todos os homens seriam iguais e a felicidade reinaria; já a segunda é composta pelas propostas do capitalismo, economize agora e usufrua no futuro, prive-se agora e aproveite

mais tarde.

Se os homens fossem todos iguais as sociedades não seriam formadas por indivíduos, mas por peças e componentes. Os outros não seriam humanos, seriam apenas outros-objetos., descaracterizando e uniformizando o indivíduo. O mal de fato predomina, Joseph de Maistre diz que a mão destruidora do homem, que não poupa nada é a cumpridora da “grande lei da destruição violenta das criaturas vivas”. A hegemonia do mal faz abortar as utopias.

O mito de Sísífo diz que o personagem tinha a missão de empurrar uma enorme pedra até o topo de uma montanha; lá chegando a pedra caía e rolava até a planície, onde Sísífo tinha que voltar buscá-la e começar tudo de novo. É a descida que interessa ao pensador porque ensina sobre a teimosia de quem não se rende à repetitividade. Saber-se condenado é sentir-se desafiado a ampliar a consciência, conviver com o absurdo e lidar com os paradoxos sem tentar negá-los; é viver o fato de a condição humana ser limitada frágil e finita mas ao mesmo tempo cheia de possibilidades.

A rocha que Sísífo repetidamente volta buscar representa a necessidade que temos de procurar a realidade como a percebemos e construímos, não o apropriado pela cultura e imposto pelas ideologias. Ou seja, a necessidade que o ser humano de ao menos tentar superar aquilo que o aliena, a começar pelos excessos do seu próprio ego. Por isso cada tentativa malograda não é sempre a mesma, é nova a cada vez.

As utopias existem porque tem a virtude da inocência, é um fenômeno que está no âmago do pensamento ocidental e representa a percepção da fragmentação da unidade e o anseio de reconstituí-la. Ao fazer uma escolha o homem escolhe a si mesmo em relação aos outros. O que diferencia o homem dos animais é sua capacidade de escolher. Entretanto para que essas escolhas sejam viáveis é preciso haver tolerância, que é a manifestação de respeito pelas escolhas alheias.

O ideal da democracia prevê um Estado no qual os cidadãos façam as leis e depois passem a obedecê-las; contudo devido a complexidade dos mecanismos político-administrativos o cidadão tende a se distanciar do governo. A solução é reunir as pessoas em grupos de pressão. Esses grupos constituem a maneira mais viável de levar a tolerância à prática na medida em que a atuação final do Estado representa o resultado de múltiplas negociações. A concorrência econômica não passa de uma modalidade de luta entre os homens. Por um lado toleramos as pretensões dos nossos oponentes, por outro não deixamos e combatê-los sem trégua. O pluralismo só na aparência é uma manifestação de tolerância.

A tolerância e a democracia manipulada

A tolerância é comumente vista como camuflagem para a opressão, no entanto, para Marcuse ela só se justifica como pratica libertadora. As democracias da nossa cultura só são representativas até certo ponto mas não representam todas as necessidades das pessoas.

Voltaire estabeleceu o primeiro principio da tolerância: “Odeio todas as suas ideias, mas lutarei até a morte para defender o direito que você tem de expressá-las”. O segundo principio é representado pelas instituições democráticas e o terceiro foi proposto por Pascal: “O contrário da verdade não é uma mentira, mas uma verdade contrária”.

O modelo do patriarcado faz com que não consigamos entender que a tolerância é a arte de conviver com paradoxos. Entretanto talvez estejamos analisando-a apenas do ponto de vista desse patriarcado “tolero o outro porque tenho que conviver com ele, mas só o aceito enquanto ele for secundário, não privilegiado como eu”. Isso nos leva a considerar algumas premissas como: a evolução da consciência humana passa por um grau de diminuição do ego; essa diminuição é produzida pelo reconhecimento da legitimidade humana do outro que será tanto maior quanto for o autoritarismo da sociedade; logo a evolução da consciência é a evolução da inteligência, esperteza e tolerância; essa amplia e aprofunda os espaços de desenvolvimento humano.

A obediência aos ditames do ego favorece a exclusão, que acaba sendo um padrão ao qual devemos nos adaptar, sob pena de sanções morais, religiosas e sociais. O pensamento linear é a principal base da sustentação desse ego.

“Competitividade” e transformação

As melhorias da qualidade de vida baseada em parâmetros econômico-financeiros são ilusórias. Competitividade e equidade são mutuamente excludentes, mas equidade social e competência são situações complementares. A adoração do mercado substitui a predatorialidade do Estado dirigista, criando assim sociedades mecânicas, que privilegiam a argumentação racional. Educação produz cidadania gerando liberdade que reflui sobre essa cidadania. Essa circularidade pode ser potencializada se o processo educacional for orientado pela complementaridade dos saberes.

A mente autoritária é intolerante por definição e a intolerância é excludente; ela gera fenômenos como a pena de morte, censura, leis voltadas para a proteção do patrimônio em detrimento das pessoas, etc. A massa excluída e a grande maioria das pessoas tem cada vez menos participação nas políticas que decidem e regem seus destinos. A competitividade tem

papel destacado, algumas pessoas adquirem habilidades e poderes que lhes permitem excluir outras. A justificativa dessa ética tem sido uma interpretação fundamentalista da teoria da seleção natural.

Existe um pressuposto de que os vencedores devem esquecer imediatamente os vencidos depois que os eliminam. Logo pensa-se que no próximo século só existiram dois tipos de empresários: os rápidos e os mortos. O que significa que a prática das vantagens competitivas produzirá exclusão que transformará milhões de pessoas em excedentes onerosos da dinâmica do mercado.

O lugar do inferno

O elogio da guerra, da agressividade, do autoritarismo, da hierarquia e da satisfação imediata constitui a Tónica do discurso do patriarcado, reduzindo a situação humana às suas determinações econômico-financeiras. As praxes da vida cotidiana resultam inevitavelmente num certo grau de exclusão, no entanto precisamos diminuí-lo e auxiliar os excluídos, o que é um problema.

Um problema é algo que nos deparamos, já o mistério nos envolve numa relação transaccional. O mistério precisa ser vivido, contudo nossa mente dificulta essa tarefa e tendemos a transformar esse mistério em problema. A vida é mistério e problema, o suicídio é um mistério, mas cria problemas para os que ficam vivos, construir uma ponte é um problema, mas saber se poderemos atravessá-la é um mistério. Não podemos reduzir os mistérios a condição de problemas, nem o contrário. Coisas práticas existem e devem ser encaradas por meios práticos.

Do ponto de vista do pensamento complexo mudar não é substituir, é complementar, abraçar. Ser feliz ou não faz parte da imprevisibilidade do futuro, mas aquilo que acontece no futuro é influenciado pelo que pensamos e fazemos no presente; logo, de certa forma, podemos traçar um projeto de vida, elaborar uma visão. A base das relações interpessoais na nossa cultura é o conflito. Isso pode ser ilustrado com a peça de Sartre “Entre quatro paredes” em que um dos personagens chega a conclusão de que “o inferno são os outros”. Não devemos idealizar as relações interpessoais, pois nossa existência é confirmada pelos outros, logo a exclusão do outro mais cedo ou mais tarde nos atingirá.

Respeitar a diversidade: uma tarefa difícil

A mente se põe contra um ideia nova assim como o corpo rejeita uma proteína estranha, entretanto certas ideias, desde que se enquadrem os padrões aos quais estamos submetidos, são aceitas de súbito. Essa polarização pode ser chamada de automatismo concordo-discordo.

A diversidade é fundamental para nossa vida, e há duas maneiras de lidar com a complexidade. A primeira é a resistência, que entende as percepções como novas ameaças e tenta diminuí-la.

Rumo a uma nova cultura

Na Idade Média as pessoas acreditavam cegamente no poder de Deus, já o Iluminismo trouxe a tona a valorização da razão e técnica. Hoje estamos submissos ao mercado, embrionado desde o iluminismo.

A espiritualidade deriva da solidariedade; o entrelaçamento das duas gera a competência de viver. A contestação do excesso de normas e regras e o questionamento da rigidez institucional são atitudes que permitem emergir valores latentes. Com isso dá-se uma nova ética com uma abertura mais ampla para o desenvolvimento de novas competências para trabalhar a corporeidade, o que pode levar a uma reavaliação das minorias.

Nas grandes empresas começam a aparecer iniciativas de economia de rede, fruto da proposta dessa nova ética. A crescente necessidade de desenvolver a criatividade é um exemplo de transformação ocorrida devido a nova ética.

Competência, Economia Social e Sustentabilidade

No modelo patriarcal o valor do ser humano é calculado economicamente com base no que ele é capaz de produzir no trabalho. Hoje a automação vem provocando crescente desaparecimento de postos de trabalho. Os bens de capital vem perdendo valor, enquanto o capital humano vale cada vez mais. O concreto vale cada vez menos, e o conhecimento será o produto mais valioso do terceiro milênio.

A informação, comunicação e conhecimento já não podem ser controlados como antigamente devido à velocidade de difusão do capital humano. Essa velocidade se estende à área financeira (capital volátil). Os Estados-nação perde poder, que se concentra nas grandes empresas e capitais transnacionais. A importância do Estado vem diminuindo e as empresas privadas vem crescendo. A massa dos que estão a margem desses dois setores vem assumindo

um papel cada vez mais importante, organizando-se no Terceiro Setor. Esse terceiro setor é composto por iniciativas comunitárias, ONGs, etc. cuja principal característica é o pequeno grau de institucionalização. Isso tudo gera uma diversidade de forças produtivas e comunidades locais que tem como características básicas as relações comunitárias, trabalho voluntário e a emergência de um novo conceito de alteridade.

Esse terceiro setor apresenta-se como um ponto de partida para a desinstitucionalização e lacização de segmentos até então fechados, como por exemplo a medicina. A sociedade é um sistema vivo, e a dinâmica da economia é regida basicamente por fatores subjetivos. Um Estado é uma situação que só pode ser pensada e entendida pelo pensamento complexo. As atividades do terceiro setor são de natureza desburocratizante e facilitadora da vida das pessoas que continua a ser muitas vezes subvalorizado. O serviço comunitário provem da noção sistêmica de que tudo está conectado a tudo e que ajudar o outro é ajudar a si mesmo. As praticas comunitárias trabalham com a noção de ganho indireto, dificilmente quantificável e compreensível pelo pensamento linear, mas facilmente entendida por meio do pensamento complexo.

Sociedades de parceria

As coisas não podem ser definidas em si mesmas, mas por meio de sua relação uma com as outras. A sua existência é a complexidade de seus interrelacionamentos. Individualidade é diferente de individualismo. O individualista é alienado e acaba pondo em questão sua própria existência como pessoa. Já para explicar a individualidade podemos usar o exemplo dos ser autótrofos, que produzem seu próprio alimento, mas que precisam do ambiente e de suas condições para essa produção.

O conflito e a agressividade sob os quais vivemos não tem natureza biológica, e sim cultural. Não estamos condenados a viver sob o autoritarismo e a hierarquia do patriarcado. Se foi possível adquirir um modo de comportamento também é possível modificá-lo, a decisão de continuar ou não condicionados pelo pensamento linear cabe somente a nós.

9. A estratégia do abraço

O ânimo para a reforma do pensamento possui várias vertentes, como foi visto nos capítulos anteriores. Muitos são os seus proponentes e também as suas propostas. Por conta disso, talvez seja mais válido buscar uma espécie de reunião de propósitos ou intenções que

possa servir como o final desse livro, como menciona o autor. Dessa forma, a seguir será trabalhado os cinco saberes do pensamento complexo: saber ver, saber esperar, saber conversar, saber amar e saber abraçar. Todos esses saberes se relacionam entre si e por conta disso uns dependem dos outros para que possam ser vividos em sua plenitude. (295)

Saber ver

Sartre notou que a nossa existência é essencialmente confirmada pelo olhar do outro. Peter Senge, por sua vez, considera mostra que em certas tribos de Natal, na África do Sul, o principal cumprimento significa “eu vejo você”. As pessoas dessa forma saudades respondem dizendo “eu estou aqui”. Isto é, começamos a existir quando o outro nos vê.

E mais: há, entre tribos que vivem abaixo do Saara, a ética *ubuntu*, que em zulu significa “uma pessoa se torna uma pessoa por causa das outras”. Para esses povos, quando alguém passa por outro e não o cumprimenta, é como se houvesse recusado vê-lo, o que é o mesmo do que negar-lha a existência.

Saber ver é antes de tudo saber ver os nossos semelhantes. A localização anatômica dos nossos olhos mostra que eles estão dispostos para ver o mundo, isto é, para ver o outro.

Convém notar que a unidimensionalização da visão – que é o resultado da apropriação do olhar pela cultura dominante – é uma das manifestações mais alienantes do nosso dia-a-dia. A iconização da sociedade, ou seja, o fornecimento de um mínimo de palavras escritas e um máximo de imagens padronizadas, conduz para uma diminuição do contato com a razão – o *logos*. Como consequência, ocorre a restrição ao acesso das pessoas ao imaginário, o que as leva a ver o mundo de forma concreta e literal.

Esse é um dos principais motivos da redução da capacidade de lidar com a palavra, e, por conseguinte, de conversar. É uma forma de complicar a formação de consensos derivados da experiência, e perpetuar a unidimensionalização.

As imagens e os símbolos buscam quebrar a linearidade do nosso pensamento. Nesse sentido, os mitos são imprescindíveis à facilitação das conversações e da formação dos consensos. A experiência mostra que ao partilhar histórias, lendas e narrativas, as pessoas vêm expandindo o seu ânimo competitivo e contestante.

É certo também essa espécie de compreensão pressupõe mentes como as nossa, fortemente condicionadas por uma cultura cujos mitos básicos formam uma interminável crônica de guerras, devastações, vinganças e punições.

A primitivização das nossas mentes pela supressão da palavra (em especial da escrita)

se traduz na prática pelo estreitamento da percepção que nós temos do mundo. Dessa forma, ela passa a depender de virtualmente um único sentido – a visão. A audição está em segundo lugar. Essa situação nos torna cada vez menos capazes de notar a importância que possui o todo como um só. (297)

Se caso perdêssemos a visão de repente, como ficaríamos nós, que dependemos quase que exclusivamente da visão? Essa é a ideia central do livro *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. O livro é uma metáfora das desventuras de uma sociedade onde o principal modo de perceber foi suspenso. A isso se adiciona o fato de que essa forma de percepção, por sua própria natureza, incita as pessoas a buscar referenciais externos, como o resultante apagamento progressivo da vida interior .

Essa obra pode ser vista como um questionamento ao pensamento único, apropriado pelo poder de uma cultura onde o homem perdeu o sentido da globalidade e o de si mesmo. Nesse sentido, a proposta do pensamento complexo se refere a uma retomada da pluri-sensorialidade. Esta pode ser entendida um equivalente orgânico da transdisciplinaridade – uma forma de ver e entender o mundo, traduzida em um saber que questiona a cegueira do modelo mental dominante.

Saber esperar

Para a cultura atual, não há nada mais difícil do que esperar. Ela privilegiou a dimensão quantitativa do tempo, deu primazia ao tempo medido em relação ao vivido. Como o tempo é medido, na nossa percepção, como o dinheiro também pode ser medido, e como o dinheiro muito frequentemente se relaciona com o imediatismo, ansiedade e temor, saber esperar reduziu-se a perder tempo, isto é, perder dinheiro e sentir medo. (300)

Qualquer experiência de fazer uma ontologia do tempo suscita desde cedo a questão de se ele é linear ou circular. Cabe ressaltar que nas três grandes tradições patriarcais de nossa época – cristianismo, judaísmo e islamismo – o tempo se mostra como sendo linear. Na Bíblia, somente em *Eclesiastes*, é dessa forma que o tempo é considerado. Segundo essa cultura, andamos sobre essa reta com princípio meio e fim determinados, sempre em direção a um alvo final – a morte, que pode representar a salvação ou danação eternas. Não existe nesse visão, a possibilidade de uma segunda chance.

É essa linearidade que torna possível as pressões, cobranças e advertências que instalam em nós o pavor em relação a esse marco do qual não se volta. Tal situação contribui para que encaremos a morte como sendo um ponto final que nos apavora, e não como uma

situação da vida. Tende também a fazer com que nós desvalorizemos a passagem e tudo aquilo que a ela se relaciona. Além de conduzir à desvalorização do cotidiano, a retilineidade começo-meio-fim torna mais difícil a prática da tolerância, da serenidade e da compaixão. Por outro lado, promove a “competitividade”.

Tudo isso nos conduziu ao desaprendizado da espera. A concepção linear do tempo tornou possível a sua apropriação e transformação em mercadoria – ponto central da filosofia das linhas de montagem e da ideia do produto acabado. Nesse modelo, não há espaço para o homem individualizado, mas somente para o homem recortado o homem-função.

O padrão linear-quantitativo fez com que a técnica fixasse a vida humano e não o contrário. Possuímos uma grande dificuldade em compreender que, ao ver o tempo unicamente como um bem de consumo ou moeda de troca, perdermos a sabedoria da espera – uma das dimensões mais relevantes da nossa existência. Não sabemos diferenciar o tempo cultural do tempo natural, e pagamos caro por isso. Ao institucionalizar a temporalidade linear, deixamos de respeitar a gama das temporalidades individuais.

Essa é a tônica da cultura atual, onde os dominadores impõem aos dominados (como também a si próprios) o seu modelo mecânico de temporalidade, e o tempo da cultura patente reprime o da cultura latente.

Já do ponto de vista qualitativo o tempo não se ganha e não se perde, se vive. Nas grandes tradições anteriores à judaico-cristã, a temporalidade é circular e reflete a dinâmica dos sistemas da natureza, o que nos mostra que vivemos em um mundo de ciclos. Com elas, aprendemos que saber esperar é justamente saber viver.

Os ciclos da vida incluem o tempo de espera dos sistemas. Vivemos neles e eles também vivem em nós. Não há como promover uma alteridade significativamente diversa da que vivemos hoje sem entender a complementaridade dos tempo linear (o tempo mecânico-produtivista) e não-linear (o tempo sistêmico). Ela nos conduzirá a uma visão complexa da temporalidade. (302)

Saber esperar não é um requisito que surge de um conjunto de regras, de um sistema filosófico ou de uma disciplina pragmática. Também não é uma condição transcendente, à qual devemos nos curvar movidos pela fé. Saber esperar é uma dimensão importante da própria condição humana, e negá-la é negar a própria essência do viver.

A biologia da espera

Não é por acaso que saber esperar é uma dimensão fundamentalmente feminina. Na

mulher, saber esperar não é uma virtude, uma proposta metafísica ou um valor moral. Pode até evoluir para tudo isso, mas, de início, saber esperar é uma questão biológica. A mulher, segundo o autor, é um ser lunar, que sabe que precisa esperar os grandes ciclos que pertencem ao seu universo orgânico, como o menstrual, o da gravidez, o puerperal e o do aleitamento. A mulher sabe que não há como tentar diminuir a redução de seus ciclos, nem como competir com eles sem que os resultados sejam péssimos. E é justamente essa sabedoria do viver que capacita naturalmente a para a sabedoria do conviver.

Em nossa cultura, faz muito tempo que culpamos a mulher pelas dificuldades e frustrações que o nosso imediatismo nos faz passar. Nelas estão projetados os preconceitos oriundos de nossa insistência em engar a não-linearidade e a complexidade inesperáveis ao mundo e ao tempo. Por conta disso, dizemos que as mulheres são imprevisíveis, inconstantes, obscuras e, ainda, difíceis de lidar. Isto é, dizemos que a mulher conta com todos os aspectos da vida que nossa mente racionalizada não consegue pôr sob controle. Só nos esquecemos de que quando nos expressamos dessa forma, reafirmamos que o feminino é a própria vida, da qual tanto nos queixamos, e à qual, simultaneamente, tanto nos aferramos.

Saber conversar

O determinismo estrutural auxilia a esclarecer por que motivo aquilo que percebemos, entendemos e transformamos em ações no parece lógico ao passo que para os outros, isto pode ser incompreensível. (304)

Ocorre que o tipo de alteridade ao qual estamos culturalmente determinados não nos coloca à vontade quando queremos conversar abertamente sobre as nossas intenções. A nossa cultura, por vezes, nos conduz à esconder as nossas intenções ao máximo. Como avalio o outro a partir do seu comportamento (e não a partir de suas intenções), é natural que o outro faça o mesmo comigo.

Esse é mais um dos resultados da limitação das nossas percepções e entendimentos pelo raciocínio de causalidade simples, que enrijece a desconfiança e a constante busca de provas. Ainda aumenta a nível de cobranças e dificulta a tolerância entre as pessoas.

Alterar o nosso modelo de conversação compõe, talvez, a melhor forma de trabalhar com essa dificuldade. Sabemos que o nosso conversar é determinado por um alto nível de institucionalização. Na nossa cultura não são muitas as oportunidades que temos de nos expressarmos livremente e com sinceridade. Essa situação poderá alterar de forma significativa, se e quando conseguirmos transformar nossas conversas em trocas de intenções,

em vez de prolongar a fazer delas formas de ocultá-las.

É certo também que não devemos fazer tudo o que o outro quer. Nosso principal empenho será fazer o outro se dar conta de que estamos buscando entender o seu comportamento a partir de suas intenções, e esperamos que ele faça o mesmo a nossa respeito. O segredo para que possamos chegar às intenções do outro pode ser alcançado ao tentar obter a resposta das seguintes duas questões: *O que o outro realmente quer?* e *De que forma posso ajudá-lo a conseguir isso sem que eu me fira?*

Tudo bem observado, pode-se deduzir que saber conversar é algo que só se aprende quando se é livre. Entre as diversas maneiras de definir o que é ser livre, o autor cita a concepção de Viktor Frankl, este que definiu a liberdade como o intervalo entre o estímulo e a resposta, ou seja, o espaço entre as questões que o mundo nos dá e as respostas que lhes damos. Frankl sabia o que dizia.

Rollo May, por sua vez, define a liberdade da mesma maneira: como a possibilidade que uma pessoa possui de estabelecer uma pausa entre o estímulo e a resposta, e depois se orientar para uma determinada atitude, escolhida dentre várias outras. É justamente este intervalo que convida as pessoas a serem livres. (307)

Quando o autor diz que é necessário reaprender a conversar, ele se refere justamente a essa circunstância. Reaprender a conversar é o mesmo que aprender de novo a usar nossos espaços de criação. Mas, como é sabido, o medo da liberdade faz com que fuçamos dela.

Se cada um de nós percebe o mundo conforme a sua própria estrutura, saber conversar denota antes de mais nada perguntar. Para que possamos entender isso, temos que ter em mente que muitas vezes, em nossa sociedade, o diálogo se torna uma competição, onde se decidirá quem fala melhor, quem argumenta melhor e assim por diante. Com bastante frequência, fazemos uso das perguntas não para conversar, para aprender algo, mas para “vencer” um debate. Saber conversar é o mesmo que fazer perguntas que produzam alterações no questionado, ou seja, que o levem a aprender algo, a modificar-se e depois dividir conosco o que aprendeu. Nessa concepção, saber questionar, antes de pretender algo de quem se pergunta, é o mesmo que dar-lhe a oportunidade de transformar a sua estrutura, de aprender.

Já ensinar é o mesmo que propor questões mobilizadores. Estas criam em quem as formula uma expectativa respeitosa durante a resposta e é por tal motivo que saber questionar é conduzir a saber ouvir. Não pode existir indagações adequadas sem a conseqüente preparação para admitir o retorno.

Saber questionar pode ser entendido como desencadear um processo de co-educação. Caso partirmos do princípio de que o verdadeiro papel dos educados é formular as perguntas

adequadas, verifica-se que quem educa são os educandos, ao dar-lhes as respostas.

Nós somos o mundo. Quando nós questionamos algo à alguém, é o próprio mundo que se abre para essa pessoa, não com o intuito de desafiá-la ou de constrangê-la, mas com a intenção de proporcionar-lhe uma oportunidade de mudar, e a partir daí, mudar o outro. Da mesma forma, conversar com o outro é o mesmo que o mundo está conversando consigo a partir do nosso intermédio.

Se o que dá a definição de uma cultura é o conteúdo das redes de conversas que a percorrem e a formam, saber conversar também pode ser visto como saber construir um universo cultural. Conversar é aprender, mesmo quando por um motivo ou por outro o interlocutor não nos dá a resposta que consideramos “certa”.

A conversação forma uma oportunidade para que as emoções de cada interlocutor sofram um processo de reorganização. Como diz Maturana, a conversação fomenta o entrelaçamento do emocional com o racional.

A linguagem, por sua vez, não acontece nos interlocutores, mas sim no “entre”, no espaço comum criado entre eles e por eles. Ela ocorre justamente no intervalo de liberdade que foi mencionado há pouco. Cabe notar ainda que as modificações estruturais produzidas pela linguagem não se limitam ao campo verbal, nem ao momento em que ocorrem as conversas.

Inúmeras das dimensões das nossas interações são inconscientes. É certo que boa parte da nossa conduta é determinada pelo inconsciente, mas isso não quer dizer que devamos entregar por completo às prescrições do inconsciente. Podemos com elas lidar de vários modos. O principal consiste em fazer com que os conteúdos inconscientes venham à tona, para que possamos tentar examiná-los e, dentro do possível, fazer escolhas. É por isso que podemos dizer que saber conversar é saber ser livre.

Saber amar

Amar é uma ação que a pessoa já nasce sabendo. De forma geral, os pais buscam educar os filhos para que eles sejam aperfeiçoados nessa saber. Os pais procuram criar um ambiente onde as crianças tenham a oportunidade de desenvolver aquilo para a qual nasceram, isto é, respeitar aos outros e também ao mundo natural. No entanto, sabemos que quando as crianças crescem, elas se veem obrigadas a enfrentar um mundo onde a cultura é totalmente diversa dessa. Elas devem desaprender a amar, e disso se encarregam a racionalização, as ideologias, o conformismo. Nesse vive em que elas vivem quando crescem,

o amor é um produto raro, difícil de se obter e por isso mesmo muito valorizado. Esse fenômeno não afeta com a mesma intensidade os dois sexos, sendo notável que a mulher é menos afetada por tal situação. (310)

Rousseau, além de falar do amor, fala ainda de outro sentimento, a que deu o nome de consideração. Ele definiu a consideração como sendo uma espécie de intermediário entre os dois tipos de amor (o amor de si e o amor próprio). Ele mostrou ainda como a consideração é um sentimento necessário para que os homens possam viver em sociedade. Essa condição se manifesta essencialmente pela necessidade que os seres humanos possuem de serem vistos uns pelos outros. É daí também que surge a ideia de que o outro é um complemento indispensável do eu, o que coloca a sociabilidade no próprio cerne da situação humana.

A biologia do amor

Maturana e Verden-Zöller consideram que os homens são seres dependentes do amor. Vivemos, todavia, em uma cultura onde há a forte presença da agressão e das guerras – a cultura do desamor. Maturana ainda considera que nossa agressividade é de origem cultural. Ele sustenta ainda que somos seres que vivem na linguagem e caso ela desaparecesse, os homens também desapareceriam. Isso permite entender de outra forma o que há pouco foi dito. Se as crianças já nascem sabendo amar (isto é, são biologicamente amorosas e eventualmente agressivas), as conversações da cultura em que elas vivem é que fazem com que elas desaprendam o amor. Como consequência, passam a se comportar de forma agressiva, ainda que sejam geneticamente amorosas. (312)

Como se pode notar, o raciocínio de Maturana é construído fundamentado em uma base biológica, onde o amor não é considerado uma dimensão excepcional ou virtude transcendente, mas um fenômeno da natureza. Nesse sentido, ele ainda afirma que a vida amorosa é uma forma de exercermos essa condição. É o que ele denomina de biologia do amor. Vale ressaltar que esse reducionismo inicial abre caminho para muitas reampliações, o que nos livra daquele automatismo do “concordo” ou “discordo”.

Amar pode ser entendido como reconhecer e legitimar o outro, sem que ele precise de nenhuma maneira justificar a sua humanidade. Todavia, vivemos em uma cultura onde prevalecem o não-reconhecimento do outro e a sua consequente exclusão.

Maturana ainda observa que somente o amor é capaz de expandir a inteligência, e parece não existir dúvidas a esse respeito. Nesse sentido, o autor sustenta que a biologia do amor é viver de forma inteligente, de maneira competente, o que significa, dentre outras

coisas, deixar de querer reduzir mistérios a problemas e vice-versa. A inteligência é simultaneamente o resultado do amor e a vertente que o faz brotar. Aquele que ama é capaz de estender a mão. Quem estende a mão já se prepara para estender o braço – e não se pode abraçar a quem não se ama.

Saber abraçar

Segundo o autor, para saber abraçar é preciso antes disso saber amar. Aí surge a questão: o que será que eu preciso ver no outro para que eu sinta vontade de abraçá-lo? Em primeiro lugar, preciso ver a mim mesmo e é por isso que eu devo evitar projetar nele as coisas que eu não quero em mim. A maneira como eu vejo o outro depende mais de mim do que ele, isto é, de como eu trabalho o meu ego e dos resultados a que chego. (314)

O ego dos seres humanos funciona como o guardião dos condicionamentos que possui a nossa mente. O ego é a maneira pela qual colocamos em prática a razão instrumental.

Conforme o pensamento do estudioso Heidegger, existe duas formas essenciais de existência humana. A primeira é caracterizada pelo esquecimento do Ser. Já a segunda, possui essa consciência e faz com que possamos ver a morte como um fato da vida, e não apenas como o seu término. No primeiro caso, há a produção do homem individualista ao passo em que no segundo, surge o modo de viver do homem que se faz indivíduo sem se afastar de seus semelhantes. Cabe notar que aceitar a morte como um fato da vida é o mesmo que admitir a nossa vulnerabilidade. O homem individualista, que se pretende imortal, acredita que não precisa de ninguém. Já o homem-indivíduo pensa justamente o oposto.

Sem essa consciência não poderemos instaurar plenamente uma nova ética de alteridade. Goethe escreve que os homens trazem dentro de si não somente a sua individualidade, mas também a humanidade inteira e todas as suas possibilidades. Caso continuemos persistindo na recusa de assumir na prática essa condição, continuará a ser fácil agredir e eliminar o outro e, por consequência, não teremos vontade de abraçá-lo.

A ideia de morte serve para valorizar a nossa existência e faz com que nós valorizemos também a vida do outro. Conforme as palavras do psicoterapeuta Irvin Yalom, se a morte destrói o homem, a sua ideia o salva.

Se a busca do outro é a procura pela integração do mundo, dizer que o amor é uma dimensão biológica é reduzi-lo. Uma reflexão um pouco mais aprofundada permite ver que somente a partir do outro é possível ampliar e transcender as limitações de nossa fragmentação e solidão existencial.

A busca da alteridade, segundo o autor, é intrínseca à condição humana. Da mesma forma como os olhos estão dispostos em nosso corpo para ver o outro, também não podemos abraçar-nos. Eis aqui o motivo pelo qual precisamos do outro: para que nos abrace e dessa forma nos ajuda a saber que existimos. (317)

As encruzilhadas do eu

É importante que não se confunda a necessidade de ser visto (reconhecido) e abraçado (acolhido) pelo outro com o desejo de retornar à “oceanidade” que a mãe disponibiliza ao seu filho durante a gestação. Abraçar e ser abraçado provém da opção de se tornar um indivíduo neste mundo. O autor ressalva que abraçar e ser abraçado, ser visto e ver, são metáforas de integração, e não de diluição ou de apagamento.

É necessário ainda não confundir as atuais propostas de sociedades de parceria com ideias de regressão a uma maravilhosa idade perdida. Ainda que essas iniciativas incorporem várias das características da cultura matrística, a consciência que orienta essas iniciativas está baseada em uma visão de futuro realista. A proposta do pensamento complexo inclui a busca do autoconhecimento, este que resulta da compreensão de que o ego é frágil e por tal motivo precisa ser trabalho e ter a sua estrutura reformulada, a fim de ser capaz de cumprir o seu papel. Um ego frágil, alienado ou negado em nada ajuda na reforma do sistema de pensamento. (320)

O eu possui o múltiplo (a sociedade, a cultura), este que contém aquele. Eis aqui a unidade na multiplicidade, a tradução do abraço comunitário que envolve todos os homens. Tudo isto se expressa de uma forma muito dinâmica: o eu se transforma com a cultura, esta que o modifica, numa relação de congruência. O abraço não deve ser visto como um substantivo, mas como um verbo. E este deve ainda ser visto no gerúndio para que estejamos sempre abraçando e nos deixando abraçar.

A teimosia em negar essa necessidade cria a interminável sequência das nossas aflições. A sociedade finge não saber que quanto mais competitividade, mais esperteza e menos inteligência. A esperteza não respeita a unidade das coisas naturais enquanto a inteligência abraça e aproxima os homens.

A competitividade pode ser vista como uma dimensão da esperteza. A competência, por sua vez, está no campo da inteligência. Falar que precisamos buscar mais inteligência e menos esperteza é o mesmo que dizer que é preciso buscar mais individualidade e menos individualismo. A individualidade é o ponto de partida para a interpessoalidade; o

individualismo, da competição predatória. O homem que se individualiza é aquele que se diferencia dos outros, mas não imagina que pode viver isolado dos seus semelhantes. É o que se torna indivíduo sem se deixar alienar. Cabe notar que não há individualidade sem que existe interpessoalidade. Ser indivíduo é procurar pela inteligência e saber lidar com a esperteza. (321)

Esperteza, ou competitividade, é querer vencer os vencidos. Inteligência, ou competência, é poder vencê-los e ao mesmo tempo lhes estender a mão para que amanhã os vencidos possam se tornar vencedores. A mão fechada significa o começo da separação. A mão estendida representa o começo do abraço. E é justamente aí que está o ponto de partida para o pensamento complexo: marco que inaugura o longo processo de busca da solidariedade.

Referências Bibliográficas:

MARIOTTI, Humberto. As paixões do ego. Complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Athena, 2000. 356p.